

# A ESCOLA ESTADUAL RURAL TAYLOR-EGÍDIO (ERTE) E A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL: A PROVA DOS NOVE

Sonilda Sampaio Santos Pereira  
Vilmaci dos Santos Dias



**A ESCOLA ESTADUAL RURAL  
TAYLOR-EGÍDIO (ERTE) E A  
PROPOSTA DE EDUCAÇÃO  
INTEGRAL:  
A PROVA DOS NOVE**

**Sonilda Sampaio Santos Pereira  
Vilmaci dos Santos Dias**



**curviana**

Jaguaquara - Bahia

2019

370.19346

P436e Pereira, Sonilda Sampaio Santos.

A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) e a proposta de educação integral: a prova dos nove / Sonilda Sampaio Santos Pereira, Vilmaci dos Santos Dias.- 1. ed. – Jaguaquara - Bahia: Curviana, 2019.

67 p.: il. col.

ISBN – 978-85-64846-14-2

1. Educação rural – Jaguaquara, BA 2. Educação rural integral – Proposta pedagógica 3. Sociologia educacional I. Dias, Vilmaci dos Santos II. Título

Jandira de Sousa Leal Rangel - CRB 5/1056 - Bibliotecária

# Dedicatória

*A todas e todos educadores que passaram pela ERTE e aqui deixaram um pedaço de si mesmos. Suas participações foram imprescindíveis. O Deus Eterno tem tudo anotado e recompensará a cada um (a) em Seu tempo.*

*A todas e todos egressos da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio. Vocês autorizam a continuidade do nosso esforço.*

---

# Agradecimentos

Ao Deus Eterno, invisível, mas significativamente real em nossa experiência de entrega.

Aos nossos familiares: pais, irmãos, cônjuges, filhos e netos por tê-los sempre por perto.

À Convenção Batista Baiana (CBBa) por ceder seu espaço para a existência da ERTE e, por tão de perto, nos acompanhar neste trabalho por meio de uma das suas presidentes, Professora Mestre Margareth Gerbase Gramacho Fadigas.

À Fundação José Carvalho (FJC) pelo empreendimento, tanto material quanto imaterial, que resultou nessa história de incontestável importância.

Ao Governo do Estado da Bahia, por meio da Secretaria da Educação do Estado (SEC-BA), mantenedor do projeto.

À Prefeitura Municipal de Jaguaquara e à Secretaria Municipal de Educação pela sólida parceria, lealdade e compromisso com as famílias camponesas partícipes da ERTE.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié, por ser espaço de aprofundamento de leituras e perguntas, especialmente por oportunizar uma Pós-graduação em Educação do/no Campo, âmbito de legitimação desse estudo.

À Professora Dra. Tânia Regina Braga Torreão Sá, pela força mobilizadora para fazer acontecer a Pós-graduação em Educação do/no Campo, programa instigador deste trabalho.

Aos Professores: Dra. Silvana Oliveira Biondi, Dra. Tânia Regina Braga Torreão Sá e Prof. Mestre Marcelo Torreão Sá, pelas contribuições valiosas, na perspectiva acadêmica.

Aos pais e responsáveis por todos os estudantes, de todos os tempos, da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE). Foram e são seus filhos a causa que fizemos maior que nossas vidas.

Aos atuais diretores da ERTE: Professor Lourival Brito Guimarães e Professora Daniela Almeida Araújo pela confiança, receptividade e acolhimento.

À Professora Dra. Cleomar Felipe Cabral Job de Andrade, pela cumplicidade, leitura apurada, voluntariado, entrega exemplar pelo bem da humanidade.

Ao Professor Mestre Magno Augusto Job de Andrade, pelo empenho tanto na leitura acurada quanto na diagramação e por todas as providências possíveis somente a quem competente e decisivamente se entrega às causas sociais.

À Professora Especialista Hildacy da Silva Mota Dias, pela solidariedade constante, pela leitura minuciosa dos rascunhos e pelo exemplo de doação enquanto ex-educadora da ERTE e atual voluntária.

Ao Professor Especialista José Jorge Almeida Pereira, pelas leituras críticas, questionadoras, impulsionadoras das correções gramaticais.

À Professora Mestre Letícia dos Santos Coelho que, em primeira mão, nos apresentou e subsidiou nossa Análise de Conteúdo.

Aos amigos que seguraram, na surdina, os grandes eventos da ERTE e nossas próprias vidas, tanto em oração quanto na cessão dos seus braços e pernas para que pudéssemos realizar este trabalho como todas as outras produções nossas: Jusce, Tita, Nilton e Lene.

---

# Sumário

<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>07</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 1 - PRA INÍCIO DE CONVERSA.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO 2 - ESCOLA ESTADUAL RURAL TAYLOR-EGÍDIO (ERTE): UM LUGAR, UM CAMPO, UM OBJETO PARA EVOCAR A MEMÓRIA E PRESERVAR A HISTÓRIA.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 3 - NOSSA OPÇÃO METODOLÓGICA: O QUE E COMO FIZEMOS.....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 4 - REFERENCIAL TEÓRICO: ERTE, EDUCAÇÃO INTEGRAL E PEDAGOGIA DE ALTERNÂNCIA: MOSTRANDO NOSSOS CALÇADOS.....</b>	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO 5 - ANÁLISE INTERPRETATIVA E DISCURSIVA DOS DADOS: A PROVA DOS NOVE.....</b>	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO 6 - PRA NÃO ENCERRAR: PONTO E VÍRGULA NA CONVERSA.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO DA ESCOLA.....</b>	<b>60</b>
<b>APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO DOS COLABORADORES.....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICE 3 - ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO COM RESPOSTAS ABERTAS REALIZADO COM OS EGRESSOS DA ERTE, COLABORADORES-PARCEIRO.....</b>	<b>62</b>
<b>AS AUTORAS.....</b>	<b>67</b>

---

# Prefácio

Quando me deparei com os manuscritos deste livro, fiquei feliz, pensativa, de certo modo, ansiando chegar ao final e então saber se a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, de fato, realizou a proposta de educação integral que afirmou em seus documentos oficiais, durante seus primeiros dezessete anos.

As autoras, neste livro, buscam, por meio de um estudo com uma amostra de egressos da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, observar as áreas humanas alcançadas por meio da educação integral; registrar as ocorrências em que a ERTE serviu de suporte para prosseguimento dos estudos e refletir as contribuições para uma inserção social relacionando os vínculos atuais com seu compromisso com a vida do campo proposto pela instituição.

Ao perseguir essas respostas posso afirmar como o nosso grande pensador Paulo Freire: “A esperança de que juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos”. Afirmo que compactuo da mesma inquietação das autoras, que desenvolveram uma pesquisa perseguindo respostas, buscas. Isso as levou a pesquisar e conferir um resultado como a nossa famosa ‘prova dos nove’.

Desse modo, este trabalho traz para nós, leitoras e leitores, educadoras e educadores, militantes de uma educação integral, “esperança em meio ao caos” como já propagava Paulo Freire. Assim, te convido a unir-me a elas para que juntos possamos tecer o amanhã, como o poeta João Cabral de Melo Neto propôs: “precisaremos sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito, que ele e o lance a outro”. Agindo dessa maneira, teceremos o amanhã.

**Hildacy da Silva Mota Dias**

Licenciada em Letras e Especialista em Linguística e em  
Ensino-Aprendizagem de Português - UESB  
Ex-educadora e atual voluntária da ERTE  
Professora de Língua Portuguesa da Rede Pública de  
Ensino e do Colégio Batista Taylor-Egídio

# Apresentação

**N**ossas representações a respeito da educação de qualidade e de grandes inovações na área da educação, normalmente, nos remetem a países estrangeiros e crianças felizes brincando com novas tecnologias interativas em telas reluzentes. Pensar que realizações inovadoras em educação ocorrem no interior da Bahia é um desafio a essa representação dominante e um convite a pensar outras possibilidades.

Se é comum associar inovação a recursos tecnológicos, aqui são os recursos humanos e planejamento que saltam aos olhos. A dedicação e compromisso da equipe ao projeto de ensino que se alicerça na Educação Integral e na Pedagogia da Alternância, como também na Pedagogia Libertadora é algo impressionante e pode ser percebida da cozinha até a portaria. Nesse projeto inovador são postos em prática modelos de ensino desafiadores e discussões não apenas atuais, mas profundamente pertinentes aos problemas e à realidade dos alunos, das famílias e da comunidade.

A própria existência da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio é uma resposta a demandas muito claras para a Educação do/no Campo, geralmente ignorada e atropelada por modelos hegemônicos, e um exercício constante da teoria em educação e das discussões contemporâneas postas em prática e submetidas a constante avaliação e revisão. Esse livro é um convite a essa forma inovadora de educação, um desafio a repensar nossas representações em educação, e um testemunho do que é possível, mesmo diante da adversidade.

**Cleomar Felipe Cabral Job de Andrade**

Cientista Social, Mestre e Doutora em Sociologia pela  
Universidade Federal da Paraíba.  
Professora do Instituto Federal Baiano em Santa Inês - BA.

# 1 *Pra* início de conversa



Foto 1 – Horta e estudantes camponeses da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, em 10.10.2018 Fonte – Arquivo das pesquisadoras

*De modo geral, a liderança revolucionária é encarnada por pessoas que, desta ou daquela forma, participavam dos estratos sociais dos dominadores.*

*Em um dado momento de sua experiência existencial, em certas condições históricas, estas pessoas, num ato de verdadeira solidariedade, renunciam à classe à qual pertencem e aderem aos oprimidos.*

*Seja esta adesão o resultado de uma análise científica da realidade ou não, ela implícita, quando verdadeira, um ato de amor, de real compromisso.*

*Esta adesão aos oprimidos importa uma caminhada até eles (FREIRE, 1987, p. 161).*



**A** Educação do/no Campo tem sido objeto de nosso interesse, há duas décadas. O campo do nordeste brasileiro, especialmente do sudoeste da Bahia, atraiu nossa atenção quando assumimos, em 1998, o ideal de integrar um grupo que sonhava com uma escola genuinamente camponesa, uma escola cujos ditames emergissem das realidades, das lutas, das singularidades, dos saberes, da *vida sendo* das pessoas do campo.

Desde então, a literatura sobre o campo, sobre as pessoas e suas possibilidades de sobrevivência no campo, sobre a educação formal e informal do campo, ocupou nossas agendas e serviram-nos de base para produções científicas. Com isso, afirmamos a relevância do tema e o motivo de inserirmos este trabalho na linha de pesquisa 2 - *Educação do campo: currículo, métodos, formação e práxis pedagógica*, do Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Educação do/no Campo, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), coordenado pela Profa. Dra. Tânia Regina Braga Torreão Sá.

Não obstante nosso empenho pela Educação do/no Campo, como um todo, neste trabalho tentamos fazer um recorte e focar, com maior precisão, a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), sua história, como lugar, campo e objeto de estudo com a intenção de evocar a memória e preservar a história, o que se encontra na segunda parte.

E, para buscar dar conta do nosso intento de rememorar a história da ERTE que é nossa própria história, uma vez que, nela e com ela, fomos nos constituindo como educadoras, fizemos opções metodológicas. Portanto, o que e como fizemos a pesquisa, encontra-se na terceira parte.

Na quarta parte, nos debruçamos nos estudos dos dois pilares que mais singularizam a história da ERTE: a educação integral, propagada tanto nos documentos oficiais, quanto nos discursos informais; e a prática da Pedagogia de Alternância. Ressaltamos que, nessas duas décadas, a proposta de educação integral tem sido a marca, por excelência, da política pedagógica da ERTE.

Daí, justificarmos o interesse que temos, nesta altura da história, em investigarmos a efetividade da referida educação. A quinta parte se ocupa em apresentar a *prova dos nove*<sup>1</sup>, isto é, a análise dos dados da pesquisa realizada com os colaboradores-parceiros, que são os egressos da experiência de imersão na escolaridade formal, perspectivadora da educação integral, por meio da Pedagogia de Alternância.

Assim, ao colocarmos na mesa nossos anseios, confianças e desconfianças sobre a efetividade da educação integral, anunciada na ERTE, em seus dezessete primeiros anos, oportunamente, avaliamos também o esforço que estamos a empreender desde 1998, quando tudo era sonho, utopia, e o projeto começava a ser escrito, as paredes começavam a erguer-se e nós começávamos a, tateando, lançar propostas administrativo-pedagógicas e, em 2001, estávamos iniciando a escola camponesa residencial, freiriana.

---

<sup>1</sup> Quando as calculadoras ainda não eram populares, os contabilistas utilizavam um truque para verificar se suas contas estavam corretas: a conhecida prova dos nove ou do “noves fora”. Trata-se de um teste de validade para o cálculo manual de somas, subtrações, divisões e multiplicações de números inteiros (<https://www.somatematica.com.br/faq/nove.php> - consulta feita em 16/11/2018).

Deste modo, à moda antiga, resolvemos fazer a *prova dos nove*, e, sem medo, buscar o “teste de validade” das nossas afirmações e práticas. Desta forma, justificamos a importância da pesquisa: em sendo a ERTE, no senso comum, um relevante trabalho social e educacional na região onde se insere, urge que, com um mínimo rigor acadêmico, também seja reconhecida, ou mais reconhecida, na academia e, quiçá, junto aos poderes públicos governamentais.

Como não poderia ser diferente, a ERTE é uma escola camponesa, no nordeste do Brasil, com proposições partindo das realidades dos camponeses, buscando a perspectiva da integralidade do ser, aberta ao diálogo, sem medo de tentativas. Seu lastro é freiriano. Por isso, intencionalmente e para fortalecimento do bem da educação do nordeste e do Brasil, cada parte é motivada por uma epígrafe de Paulo Freire, que a resume. Com razão, ao prefaciá-lo livro comemorativo dos quinze anos da ERTE, Magda Soares o fez em seu nome e em nome dele:

A minha vida tem sido dedicada à luta por uma escola pública que promova equidade, justiça social, igualdade de direitos para os grupos oprimidos da sociedade, mas diante da ERTE, dos 15 anos da ERTE, me sinto pequena, porque ainda longe de ver realizada a utopia que persigo, mas me sinto também feliz e gratificada, porque a utopia se fez realidade em Jaguaquara, na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, a ERTE: em algum lugar deste país um grupo vem transformando o mundo, um grupo vem comprovando que é possível transformá-lo, que sonhos podem realizar-se. Eu me sinto feliz por saber da utopia feita realidade; Paulo Freire se sentiria feliz se ainda entre nós estivesse e soubesse de sua utopia feita realidade. Assim, tenho a audácia de dizer que é não só em meu nome, mas também no dele, nosso mestre, que escrevi este prefácio (SOARES, 2017).

# 2 Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE):

um lugar, um campo, um objeto para evocar a memória e preservar a história



Figura 1 – Logomarca dos dezessete anos da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, em 15.01.2018 / Fonte – Arquivo das pesquisadoras

*A História é tão vir-a-ser quanto nós, seres limitados e condicionados, e quanto o conhecimento que produzimos. Nada por nós engendrado, vivido, pensado e explicitado se dá fora do tempo, da História (FREIRE, 2006, p.19).*



**N**a condição de testemunhas oculares, guardamos na memória flashes da história da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), desde seu nascimento, janeiro de 2001, até o momento presente – 2018. Completando dezessete anos, a ERTE é uma unidade de ensino sobrevivente que desempenhou e desempenha um importante papel na história da educação do campo, no município de Jaguaquara e nas regiões circunvizinhas.

Era o ano de 1998, o Colégio Taylor-Egídio (CTE)<sup>1</sup> completava 100 anos com uma estrutura física em decadência. A Associação de Ex-alunos e Amigos do Taylor-Egídio (EXALTE), representada por influentes pessoas em âmbito estadual e nacional, à semelhança de Eraldo Tinoco (*in memoriam*), Dilson Santana Melo e Telma Andrade, reuniu-se para pensar caminhos de reestruturação e ampliação do espaço físico.

Ainda em 1998, Eraldo Tinoco, então Secretário da Educação do Estado da Bahia, ex-aluno do Colégio Taylor-Egídio, conheceu a Fundação José Carvalho e seu instituidor, José Carvalho, e as escolas rurais residenciais da Fundação. Procurou Stela Dubois (*in memoriam*), então diretora do CTE, e apresentou-lhe a possibilidade de uma escola rural no *campus* Taylor-Egídio.

Logo em 1999, formou-se uma equipe para a escrita do Projeto da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, dentre outros, composta por: Stela Dubois, Telma Côrtes Quadros de Andrade, Dilson Santana Melo, Epaminondas de Souza Bastos; representantes da Fundação José Carvalho e da Convenção Batista Baiana (CBBa).

Em novembro do ano supracitado, Telma Côrtes Quadros de Andrade escrevia justificando o projeto da sonhada escola:

Uma escola rural de alternância para a região de Jaguaquara poderá contribuir para amenizar o desequilíbrio social, capacitando a população de até 14 anos, que representa 41% da população do município, para exercer as atividades rurais, fundamentados em conceitos como cidadania e honestidade. Desta forma, a família do homem do campo poderá ser mantida agregada, diminuindo a migração do jovem agricultor para as grandes cidades e fortalecendo os seus vínculos com a terra (ANDRADE, 1999).

Assim que enviado à Secretaria da Educação do Estado da Bahia, o projeto foi aprovado pelo Governo e, em 25 de janeiro de 2001, por meio da Portaria nº 1327, do Diário Oficial da Bahia, estava criada a ERTE, primeira escola estadual rural com Pedagogia de Alternância, na jurisdição da então Diretoria Regional de Educação (DIREC -13).

<sup>1</sup> Para saber sobre o Colégio Taylor-Egídio, atualmente, Colégio Batista Taylor-Egídio, visitar a página <http://www.tayloregidio.org.br/>



Foto 2 - Fachada da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, 2018

Fonte – site da ERTE - <http://erte.com.br/site/> - Responsável: Magno Augusto Job de Andrade

Concomitantemente ao seu ato de criação, foi firmada a parceria intersetorial em forma de tripé, para garantir-lhe funcionamento, continuidade e sustentabilidade: Governo do Estado da Bahia, por meio da Secretaria da Educação, criador e mantenedor; Convenção Batista Baiana, por meio do Colégio Taylor-Egídio, cedente do espaço físico de 300 hectares de terra fértil para cultivos, onde também estavam (e estão) os prédios (dormitórios, salas de aulas, cozinha industrial, refeitório, quadra e espaços administrativos); e a Fundação José Carvalho, ensinante do modelo de escola rural com Pedagogia de Alternância e investidora, por meio da VITAE, de todos os recursos financeiros para reformas e ampliações dos espaços físicos.

Em março de 2001, a ERTE pronta, abriu suas portas e recebeu no internato o primeiro grupo de trezentas crianças oriundas do campo, para darem vida ao mais novo desafio educacional, a mais nova proposta de educação do campo, na cidade de Jaguaguara e regiões circunvizinhas.

A primeira equipe gestora da ERTE foi assim constituída: Diretora: Sonilda Sampaio Santos Pereira (janeiro de 2001 a setembro de 2016)<sup>2</sup>; Vice-diretor: Lourival Brito Guimarães (janeiro de 2001 a setembro de 2016)<sup>3</sup>; Coordenadora pedagógica: Nalva Oliveira Gomes (janeiro de 2001 a dezembro de 2015)<sup>4</sup>; Diretor-financeiro: Dilson Melo (janeiro de 2001 a dezembro de 2005); Líder da cozinha: Mara Alves (janeiro de 2001 a dezembro de 2008); Secretária: Mara Gasbarre (janeiro de 2001 a dezembro de 2004); Assistente social: Luciney Luz (janeiro de 2001 a dezembro de 2004); Musicista: Elienai Teixeira (janeiro de 2001 a dezembro de 2003); Conselheiros: Stela Dubois (*in memoriam*); Mário Moreira (*in memoriam*); Renilde Moreira (*in memoriam*).

<sup>2</sup> Saiu quando da sua aposentadoria pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia.

<sup>3</sup> Ao sair da vice-direção, assumiu a direção no lugar da Profa. Sonilda Sampaio Santos Pereira e a vice-direção está ocupada pela Profa. Daniela Almeida Araújo.

<sup>4</sup> Saiu por conta da aposentadoria. A coordenação pedagógica geral está ocupada pela Profa. Vilmaci dos Santos Dias, que também fez parte da equipe pioneira em 2001, como auxiliar de classe.

Foi esta equipe que, aprendendo, ensinou e preparou o primeiro grupo de sessenta servidores, entre docentes e outras funções inerentes a uma escola camponesa residencial, para atuar com os estudantes camponeses que alternariam suas experiências entre suas moradias no campo e a escola-residência.

A capacidade física da ERTE é para mil educandos. Em 2001, quando da inauguração, eram trezentos matriculados, ano a ano aumentava seu rol de matrículas e, em 2015, chegou a comportar seiscentos e vinte e cinco estudantes em dois grupos alternantes. A alternância se fazia, nos primeiros anos, num período de trinta dias, na escola, por sessenta dias na comunidade de origem. Atualmente se faz num período de trinta por trinta dias.

Sendo assim, quando estão em suas casas, realizam diariamente, atividades didático-pedagógicas e agrícolas e são acompanhados pelos educadores itinerantes da ERTE<sup>5</sup>. Ao mesmo tempo em que recebem orientação para o cultivo e cuidados com a terra, recebem apoio para as atividades escolares.

Desta forma, os educandos e seus familiares, com o apoio dos educadores itinerantes, estreitam vínculos com a escola e fortalecem a parceria escola-família. Este vínculo, em termos geográficos, abrange até 100 km de distância entre a sede da ERTE e as comunidades camponesas envolvidas no projeto. Durante os trinta dias em que os estudantes estão imersos na educação formal, na escola, participam da proposta educacional integral.

A educação integral realizada na ERTE, ao longo dos primeiros dezessete anos de existência, luta, resistência, ganhos e perdas, alcançou um total de três mil, cento e quatro estudantes camponeses nas matrículas do ensino fundamental, entre os anos iniciais e finais. Esse número compreende todos os educandos que passaram pelo rol de matrícula entre o ano de 2001 a 2018. No período de 2001 a 2009, a ERTE oferecia apenas os anos iniciais do ensino fundamental, os educandos saíam após concluírem a então chamada 4ª série.

Em 2010, o Governo do Estado da Bahia, por meio da Secretaria Estadual de Educação, autorizou o funcionamento dos anos finais do ensino fundamental, isto é, até o 9º ano. Assim, em 2013, começou a sair turmas de concluintes do ensino fundamental completo. Este é o motivo pelo qual o recorte temporal para esta pesquisa começa no ano supracitado. Logo, tomamos para o estudo o quantitativo de concluintes do 9º ano, dos anos de 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017, que somou o total de cento e setenta concluintes.

O trabalho pedagógico desenvolvido com todos os estudantes, não só com os concluintes do 9º ano, ao longo dos dezessete anos, foi realizado por uma equipe de trinta docentes preparados em termos teóricos, para atuar em escola residencial camponesa. Primeiramente pela Fundação José Carvalho e, *a posteriori*, pelo Projeto de Formação Continuada desenvolvido pela própria escola em parceria com a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

---

5 Infelizmente, nem sempre há condições de automóveis e combustível para a realização da efetiva itinerância. Contudo, não deixa de ser uma prioridade e mais um motivo de luta do Projeto da ERTE.

Dos sessenta servidores, trinta compunham a equipe docente que, em 2001, só possuía o antigo curso de magistério. A partir da orientação administrativa e pedagógica e das demandas de uma prática inusitada, vinte e oito docentes se iniciaram nas universidades; vinte e sete fizeram pedagogia e uma, assistência social. Das vinte e sete professoras que cursaram pedagogia, vinte e cinco concluíram pós-graduação (*lato sensu*) e uma, concluiu o mestrado.

Foi uma equipe pioneira, sem vínculo efetivo com o Estado, sempre com contratos dos mais diversos, como a Prestação de Serviços Temporários (PST), que enfrentou os mais cruéis reveses, tal como o atraso de quatro meses de salário. Mas a equipe permaneceu. Acreditou no projeto. Não desistiu. Encarou o desafio político e pedagógico freiriano de viver “pacientemente impaciente” (FREIRE, 2003, p. 32). Esperou contra a esperança. Sobre esta equipe Pereira (2011) afirmou:

Chegou à síntese do que significa trabalho em equipe, aprendeu sobre missão e encarnou o discurso da pedagogia progressista, libertadora, relacional e cristã [...] ainda errando alvos, mas todos sabemos nossos princípios e perseguimos ideais de honestidade e serviço (PEREIRA, 2011, p. 12 – 13).

Não obstante a luta, a resistência e o ideal de uma equipe que se sabia aprendendo e ensinando uma prática educativa que já nascia com a vocação de ser possibilidade real diante do caos da educação pública entre camponeses. O ano de 2016 chegava para ser marco de cerceamento, de decepção, de dor para os brasileiros, no sentido macro; e para as pessoas do campo de Jaguaquara, no sentido micro.

Não bastasse a crise que se instalou junto à República Brasileira, a Secretaria da Educação do Estado da Bahia despediu todos os docentes da ERTE, citados nos parágrafos anteriores, justificando a necessidade de “enxugamento” e “legalização” dos vínculos dos servidores.

No mesmo ano de 2016, quase sem mais poder resistir e não tendo a saúde suficiente para gerir uma escola residencial com Pedagogia de Alternância, com todo corpo docente novo, sem experiência em educação do campo, a gestora fundadora, tendo direito garantido, assinou o Requerimento de Direitos e Vantagens (RDV), na Secretaria da Educação do Estado (SEC-BA), e teve sua aposentadoria anunciada no Diário Oficial de 20 setembro do mesmo ano.

Após o afastamento da gestora e da equipe docente, o vice-diretor, enquanto único educador pertencente ao quadro efetivo do Estado, assumiu a direção e, juntamente com a nova coordenadora pedagógica, realizou a seleção para composição do quadro docente. A seleção foi autorizada pela SEC-BA para contratação, por meio do Regime Especial de Direito Administrativo (REDA). Foram contratados vinte e quatro docentes com formação em áreas específicas.

No momento, após dois anos de contrato, número expressivo da nova equipe já persegue o ideal de desenvolver trabalho pedagógico na perspectiva da educação integral, de excelência. O REDA já foi renovado por mais dois anos. Há de se pensar o que será no final de 2020. Julgamos necessário apresentar detalhes da história que, para nós e em nós, são relevantes, por isso o fazemos.

Contudo, entendemos que, para fins deste estudo, são os estudantes camponeses egressos da ERTE que mais nos interessam. São suas vidas concretas que testemunharão, ou não, a eficácia da proposta de educação integral para camponeses que a ERTE propôs e tentou realizar dentro da ambiência escolar formal, enquanto imersos no espaço-escola, dando continuidade nos espaços-comunidade.

Assim, nesta parte, buscamos descrever o lugar da pesquisa tanto na perspectiva temporal quanto física, na tentativa de situar campo e objeto como também caracterizar nosso estudo, evocamos nossa memória viva para contar, mesmo que parcialmente, a história da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio e trazer à baila, colocando no centro do nosso interesse e diálogo, os estudantes que foram nossos interlocutores, enquanto imersos na experiência educacional integral formal e, especialmente, neste momento enquanto participantes deste estudo.

Pelandré (2009), com seu estudo entre os egressos da experiência de Paulo Freire, em Angicos no ano de 1963, foi e tem sido influxo para nossa caminhada em direção aos egressos, os quais são concluintes da escolarização oferecida pela ERTE, no período de 2013 a 2017. Optamos por este recorte temporal de cinco anos porque em 2013, a ERTE teve as primeiras turmas de concluintes dos anos finais do ensino fundamental. Ao todo, neste período, foram cento e setenta concluintes. Do período de 2013 a 2017, pelos critérios de acesso a contato, interesse e disponibilidade para participar, elegemos os dezessete, totalizando um percentual de dez por cento do universo de concluintes. Suas idades variam entre 15 e 26 anos, sendo nove deles do sexo feminino e oito do masculino (ver Quadro 1).

Das mulheres, cinco só estudam, duas estudam e participam da vida social<sup>6</sup> com ocupações de realização pessoal de onde provêm seus sustentos e duas não estudam, mas participam da vida social. As mulheres que só estudam ou estudam e agem socialmente, fazem o ensino médio profissionalizante, cursinhos preparatórios para vestibular e ensino superior. E as que apenas participam da vida social com ocupações, ou agem socialmente e estudam atuam como: educadora, agricultora, operadora de telemarketing e cuidadora de bebê.

Das nove mulheres, três continuam imersas no campo, três residem na sede do município de Jaguaquara, ligadas ao campo, e três estão fora da Bahia, nos Estados de Goiás, Espírito Santo e São Paulo.

Dos homens, dois apenas estudam, quatro estudam e participam da vida social com ocupações de realização pessoal de onde provêm seus sustentos e dois apenas têm as ocupações, como já definidas. Os homens que apenas estudam ou estudam e agem socialmente, fazem o ensino médio profissionalizante e cursinhos preparatórios para vestibular. E os que só participam da vida social com ocupações, ou agem socialmente e estudam, atuam como: servidores voluntários na comunidade, agricultores e cabeleireiros.

---

<sup>6</sup> Compreendemos a vida escolar como participação e ação social. Todavia, neste estudo, usamos as expressões Ação social e/ou Participação social como ocupação emanante de realização pessoal e de autossustento, para nos referirmos ao trabalho remunerado e realizador da pessoa humana. Fazemos a distinção para fins didáticos, não valorativos.

Dos oito homens, três continuam imersos no campo, três residem na sede do município de Jaguaquara, mas ligados ao campo, e dois residem em cidades metropolitanas da Bahia: Alagoinhas e Lauro de Freitas.

Os egressos mencionados, que a partir desse ponto serão cognominados de colaboradores-parceiros<sup>7</sup>, foram abertos e espontâneos em suas participações na entrevista semiestruturada<sup>8</sup>, integraram-se no diálogo com bastante fluidez, chegaram a se emocionar e não conter lágrimas. Estas atitudes surgiram principalmente quando tocavam nos temas das dimensões da vida humana, o ser integral, tais como: controle das emoções, cultivo da espiritualidade, relacionamentos afetivos e atuação social.

O Quadro 1, organizado cronologicamente, pelos anos de saída e, dentro de cada ano de saída, organizados pelos anos de entrada na ERTE, permite conhecer, em síntese, quem são os colaboradores-parceiros deste estudo.

EGRESSO DA ERTE	IDADE ATUAL	ANO INGRESSO NA ERTE	ANO SAÍDA DA ERTE	RESIDÊNCIA ATUAL	OCUPAÇÃO ATUAL
<b>ANO DE SAÍDA 2013 COM ENTRADAS EM 2003, 2006 E 2007</b>					
EG A	26	2003	2013	Jaguaquara – BA	Professora da educação básica graduada em Pedagogia.
EG B	21	2003	2013	Jaguaquara - BA	Universitária concluinte do curso de Bacharel em Química, pela UESB.
EG C	23	2003	2013	Jaguaquara – BA	Estudante do ensino médio. Trabalha na área de agricultura.
EG D	19	2006	2013	São Paulo - SP	Estudante do cursinho de pré-vestibular, concorrendo ao curso de Bacharel em Serviço Social e operadora de Telemarketing.
EG E	21	2007	2013	Alagoinhas – BA	Estudante do cursinho de pré-vestibular, concorrendo ao curso de Bacharel em Psicologia ou Licenciatura em letras com Inglês e autônomo na área agrícola.
<b>ANO DE SAÍDA 2014 COM ENTRADAS EM 2004 E 2005</b>					
EG F	20	2004	2014	Fazenda Santa Maria Zona Rural Jaguaquara – BA	Concluiu o ensino médio e presta serviços voluntários na comunidade.
EG G	20	2004	2014	Jaguaquara – BA	Estudante do ensino médio. Cabeleireiro profissional.

7 Por conta do interesse dos ex-educandos em participar e colaborar com este estudo, como pessoas de compromisso com a pesquisa, estamos utilizando as nomenclaturas: egressos e colaboradores-parceiros, indistintamente.

8 Sobre a entrevista semiestruturada, falaremos na opção metodológica.

EG H	19	2004	2014	Lauro de Freitas – BA	Concluiu o ensino médio e trabalha como atendente de farmácia.
EG I	20	2005	2014	Vitória - Espírito Santo	Concluiu o curso médio profissionalizante em agropecuária e cuida de bebês.
ANO DE SAÍDA 2015 COM ENTRADAS EM 2005, 2008 E 2012					
EG J	19	2005	2015	Itiúba Zona Rural Jaguaquara – BA	Estudante do ensino médio.
EG L	18	2008	2015	Goiânia - Goiás	Estudante do ensino médio.
EG M	20	2012	2015	Buqueirão Zona Rural Wenceslau Guimarães	Estudante do ensino médio.
ANO DE SAÍDA 2016 COM ENTRADAS EM 2011 E 2013					
EG N	16	2011	2016	Wenceslau Guimarães	Estudante do ensino médio.
EG O	15	2011	2016	Socorro de Amado Zona Rural Wenceslau Guimarães	Estudante do ensino médio.
EG P	21	2013	2016	Socorro de Amado Zona Rural Wenceslau Guimarães	Estudante do ensino médio e trabalha na agricultura.
ANO DE SAÍDA 2017 COM ENTRADAS EM 2011 E 2015					
EG Q	15	2011	2017	Jaguaquara – BA	Estudante do ensino médio.
EG R	19	2015	2017	Jaguaquara – BA	Estudante do ensino médio e presta serviço voluntário na comunidade.

Quadro 1 – Informações sobre os colaboradores-parceiros da pesquisa  
Fonte – Arquivo das pesquisadoras

São os egressos da ERTE, referidos acima, que tomamos como colaboradores para examinar nosso objeto: A educação integral proposta pela ERTE. Como todo objeto de pesquisa, o nosso nasceu da problemática: A ERTE, de fato, realizou a proposta de educação integral que afirmou em seus documentos oficiais, durante seus primeiros dezessete anos?

Do problema, emergiu o objetivo geral que norteou a pesquisa e a síntese: Investigar, a partir do estudo com uma amostra de egressos, como a educação integral, proposta e desenvolvida pela ERTE, em seus primeiros dezessete anos, foi apreendida pelos estudantes. Este objetivo geral se desdobrou em quatro específicos, numa ordem de complexidade orientada por Cervo e Bervian (1983, p. 55): observação, registro, análise e correlação.

Logo, os objetivos específicos foram: a) Observar quais dimensões da vida humana foram, efetivamente, trabalhadas pelo projeto de educação integral da ERTE, na visão dos egressos eleitos para a pesquisa<sup>9</sup>; b) Registrar os casos de ex-educandos em que a passagem pela ERTE serviu de alavanca para a continuidade da vida acadêmica; c) Analisar se a ERTE contribuiu (ou não) para uma participação social, como ocupação emanante de realização pessoal e de autossustento; d) Correlacionar os vínculos existentes entre a realidade concreta dos ex-educandos e o compromisso com a vida do/no campo.

Na próxima parte, detalharemos o tipo da pesquisa, o caminho percorrido, o que e como o fizemos, durante o percurso do estudo.

---

<sup>9</sup> Esclarecemos que as dimensões do ser humano integral não serão trabalhadas uma a uma nesta pesquisa, nossa intenção é visibilizar aquelas citadas pelos colaboradores-parceiros e apresentá-las.

# 3 Nossa opção metodológica: o que e como fizemos



Foto 3 – Estudantes camponeses em festa da cultura local, 31.08.201/ Fonte – Arquivo das pesquisadoras

*A rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso "bancário" meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo (FREIRE, 2003, p. 26).*



A opção metodológica deve estar, necessariamente, de acordo com o objeto de estudo. No caso desta pesquisa, as opções apresentadas abaixo tentaram dar conta da problemática para alcançar os objetivos. Por isso, consistiram na aferição dos resultados da prática educacional integral proposta pela ERTE, uma vez que pretendemos obter o maior número possível de informações sobre os resultados nos estudantes egressos da escola. Assim, optamos pela pesquisa de abordagem qualitativa porque

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares se preocupando com um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2000, p. 21-22).

Pensando em nossa postura enquanto pesquisadoras, na intenção de não manipular dados, ficamos com o cunho descritivo no que se refere à finalidade, uma vez que na pesquisa descritiva, o pesquisador

observa e registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos variáveis sem manipulá-los [...]. Procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características (CERVO; BERVIAN, 1983, p. 55).

Observando, registrando, analisando e correlacionando, fomos construindo o processo e mantendo-o como foco, o qual está acima de qualquer produto final. Para tanto, nos esforçamos em detalhar a descrição completa de todos os dados e informações, salientando o contexto pesquisado para nos situarmos.

Buscamos amparo nas pesquisas bibliográficas e de campo. Sabemos que a pesquisa bibliográfica “é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet” (SILVA; MENEZES, 2001, p.21).

Para a pesquisa bibliográfica recorreremos, principalmente, as quatro dissertações de mestrado, a tese de doutorado e os três livros publicados sobre a ERTE, como também seu Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar, todos disponíveis no endereço: <http://erte.com.br/site/> (ERTE, 2018).

Também recorreremos a outras literaturas para nos embasar sobre educação integral, Pedagogia de Alternância e experiências de estudos com egressos de grandes eventos educacionais no Brasil. Dentre estes eventos, destacamos a experiência de alfabetização em quarenta horas, desenvolvida sob a coordenação de Paulo Freire, no ano de 1963, na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte.

Nos quarenta anos da experiência citada, a pesquisadora Nilcéa Lemos Pelandré (2009) desenvolveu estudos com os alfabetizados egressos dos círculos de leitura orientados por Freire, publicou seu trabalho, o qual tem sido nosso influxo

nesta busca pelos ex-educandos da ERTE. Associada à pesquisa bibliográfica, realizamos a de campo. Esta é uma pesquisa

em que se observa e coletam-se os dados diretamente no próprio local em que se deu o fato em estudo, caracterizando-se pelo contato direto com o mesmo, sem interferência do pesquisador, pois os dados são observados e coletados tal como ocorrem espontaneamente (MARCONI; LAKATOS, 1996, p. 75).

Diante de nossas opções metodológicas até então citadas, depreendemos que a pesquisa qualitativa diz respeito ao nosso contato direto com o ambiente pesquisado, mediante estudos e trabalhos de campo, em nosso caso, com os egressos eleitos como colaboradores-parceiros<sup>1</sup> do estudo.

A pesquisa foi desenvolvida a partir (e na) Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), já descrita na segunda parte. Considerando que “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeira instância, um problema da vida prática” (MINAYO, 2000, p. 90), pontuamos que a problemática desse estudo o é, anteriormente, do cotidiano de nossas vivências.

Daí, estar explicada a escolha do espaço do estudo. Vínhamos nos inquietando sobremaneira com a pergunta que gerou esta pesquisa. Assim, conforme já foi dito, pelos motivos também já anunciados, elegemos os colaboradores-parceiros.

Elucidando a trajetória percorrida no processo das buscas investigativas, a pesquisa realizou-se em quatro momentos ímpares:

*Momento 1* - aconteceu com a direção da ERTE visando ao pedido de anuência para a realização dos estudos. Nesse encontro, no dia primeiro de agosto de 2017, expomos os objetivos da pesquisa e o diretor assinou o termo de consentimento<sup>2</sup>, dando permissão para o início dos trabalhos.

O *Momento 2* – foi marcado pelo trabalho solitário. Durante os meses de setembro e outubro de 2017, nos debruçamos nos documentos internos da ERTE: Projeto Político Pedagógico, Matriz Curricular, Regimento Escolar, Planos de Ação e de Trabalho, e fizemos o levantamento de todas as proposições que afirmam sua prática para embasar a parte que trata da educação integral. Nessa mesma parte, apresentaremos o paralelo que construímos entre o documentário da ERTE e os atos legais e/ou eventos estaduais e nacionais embaixadores da educação do campo.

O *Momento 3* – foi quando nos reunimos com a secretaria da ERTE, nos dias de 02 a 16 de abril de 2018, para levantamento dos concluintes do quinquênio – 2013 – 2017 e busca dos seus respectivos contatos e endereços. Nesse período, fizemos o agendamento para o encontro presencial visando à realização da entrevista semiestruturada em grupo e a aplicação do questionário com respostas abertas. Foi quando tomamos conhecimento da

1 Os participantes da pesquisa, repetimos, estão sendo cognominados de colaboradores-parceiros porque todos demonstraram interesse em saber sobre a atuação da ERTE no passado e, na condição de ex-educandos, estão buscando um maior envolvimento com/no projeto visando sua continuidade.

2 No apêndice 1 – Modelo do termo de consentimento assinado pelo diretor.

impossibilidade de oito colaboradores-parceiros participarem presencialmente. Contudo, insistiram na participação *online*, o que consentimos.

Já no *Momento 4* – quando da reunião com os egressos eleitos, fizemos a exposição do tema e dos objetivos da pesquisa. Nessa reunião, solicitamos autorização para participação dos ex-educandos na pesquisa, por meio de um termo de consentimento<sup>3</sup>. Após a apresentação do tema, dos objetivos e assinatura do termo, aconteceu uma entrevista semiestruturada em grupo, seguido da aplicação do questionário com respostas abertas<sup>4</sup>. Salientamos que os oito egressos que participaram via *online*, contribuíram satisfatoriamente. Este momento aconteceu no dia 04 de agosto de 2018, das 15:00h às 19:00h, na sala de reuniões da ERTE.



Foto 4 - Pesquisadoras e Ex-educandos da ERTE participantes, presencialmente, da entrevista semiestruturada em grupo e do questionário com respostas abertas, em 04.08.2018  
Fonte – Arquivo das pesquisadoras

Cumprimos os aspectos éticos, respaldados na Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional da Saúde, Ministério da Saúde (BRASIL, 2012), que aprovou as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos que incorpora, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, os quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros, e visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado.

Assim, foram respeitados os valores morais, culturais, religiosos, sociais, éticos bem como hábitos e costumes. Perseguimos o propósito de garantir anonimato e segurança à integridade dos colaboradores-parceiros, mediante aplicação do Termo de Consentimento

3 No apêndice 2 – Modelo do termo de consentimento assinado pelos educandos egressos da ERTE, colaboradores-parceiros.

4 No apêndice 3 – Roteiro do questionário com respostas abertas realizado com os educandos egressos da ERTE, colaboradores-parceiros.

Livre e Esclarecido (TCLE), os quais já foram citados. Todavia, todos os colaboradores nos autorizaram o uso das suas fotografias.

Quanto aos instrumentos de investigação, utilizamos para obtenção dos dados, a análise de documentos internos da ERTE, como o Projeto Político Pedagógico, a Matriz Curricular do ensino fundamental, o Regimento Escolar, os Planos de Trabalho e de Ação. Fizemos uso do nosso Diário de Campo e fotografias das situações vivenciadas em cada evento de realização do estudo, da entrevista semiestruturada em grupo e do questionário com respostas abertas realizados com os egressos.

A aplicação do questionário aconteceu a partir de um roteiro com questões objetivas e abertas sobre as quais dialogamos no momento inicial do encontro, numa técnica de entrevista semiestruturada em grupo. Esses foram os instrumentos que melhor se adequaram aos objetivos que tínhamos diante de nós. Corroboramos que tanto o questionário com respostas abertas quanto a técnica da entrevista semiestruturada em grupo “tornam a coleta de dados mais flexível e espontânea” (GIL, 2002, p. 119).



Foto 5 - Ex-educandos da ERTE na entrevista semiestruturada em grupo, antes da aplicação do questionário com respostas abertas, em 04.08.2018.

Fonte – Arquivo das pesquisadoras

No momento 2, quando fizemos o levantamento documental, com a pretensão de aprofundar a temática em estudo, utilizamos os documentos formais da ERTE. Da mesma forma, fizemos a pesquisa bibliográfica sobre a educação integral, a Pedagogia de Alternância e sobre a educação do campo, inclusive construindo um paralelo entre os acontecimentos estaduais e/ou nacionais referentes à educação de camponeses e os acontecimentos da ERTE que foram concomitantes a cada ato legal. Na parte seguinte, encontram-se nossas eleições e recortes teóricos.

# 4 Referencial teórico:

## ERTE, Educação Integral e Pedagogia de Alternância: mostrando nossos calçados



Foto 6 – Estudantes e comunidade camponesa em conversa na ERTE, em 17.06.2017 / Fonte – Arquivo das pesquisadoras

*Os temas, em verdade, existem nos homens, em suas relações com o mundo, referidos a fatos concretos (FREIRE, 1987, p. 99).*



**F**azemos a analogia do referencial teórico do estudo com o calçado, no qual nossos pés se amparam e se protegem. A ERTE, enquanto unidade de ensino pública, está calçada teoricamente nas legislações estaduais e nacionais. Na parte sobre o espaço e o objeto dessa pesquisa apresentamos, a partir da evocação de nossa memória e de análise documental, a história e a caminhada da ERTE.

O levantamento documental foi realizado no Momento 2 da pesquisa. Buscamos uma síntese entre os documentos internos, as legislações estaduais e nacionais referentes à educação do campo e os eventos de maior visibilidade da ERTE. Para tanto, construímos um paralelo entre atos legais e/ou eventos referentes à educação do campo e os acontecimentos da ERTE, respeitando a ordem cronológica. O Quadro 2 apresenta o paralelo.

ANO	ATO LEGAL OU EVENTO REFERENTE À EDUCAÇÃO DO CAMPO NACIONAL E/OU ESTADUAL	CÁ NA ERTE
1997	Morre Paulo Freire no dia 02 de maio de 1997, em São Paulo. A única voz da educação brasileira que tomava o campo como espaço concreto para sua prática e teorização.	Campus Taylor-Egídio em decadência. Silêncios e buscas de alternativas para uso do espaço físico ocioso.
1998	I Conferência Nacional <i>Por uma Educação Básica do Campo</i> , em Luziânia, Goiás, de 27 a 31 de julho de 1998 (ARROYO; FERNANDES, 1999a).	Eraldo Tinoco, José Carvalho, Stela Dubois e membros da EXALTE começam a escrita do projeto da ERTE.
1999	Lançamento da Coleção <i>Por uma Educação Básica do Campo</i> por Miguel Gonzalez Arroyo e Bernardo Mançano Fernandes (ARROYO; FERNANDES, 1999b).	O projeto da ERTE é aprovado pelo Governo do Estado da Bahia. A Fundação José Carvalho inicia as obras.
2000		Conclusão das obras. Reconstrução de prédios antigos e construção de prédios novos para funcionamento da ERTE.
2001	Publicação da Portaria nº 1327, com ato de criação da ERTE, no Diário Oficial da Bahia, de 25 janeiro de 2001 (BAHIA, 2001a). Publicação da Portaria nº 1446, com ato de nomeação da primeira diretora da ERTE, no Diário Oficial da Bahia do dia 30 de janeiro de 2001 (BAHIA, 2001b).	Inauguração da ERTE, em março, com a chegada do primeiro grupo de educandos para o internato.
2002	Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002 - Institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, um conjunto de princípios e procedimentos para serem observados nos projetos das instituições que integram os diversos sistemas de ensino (BRASIL, 2002).	Comemoração do primeiro ano da ERTE com mobilização dos setores, partes da parceria: Governo do Estado da Bahia, Fundação José Carvalho e Convenção Batista Baiana.

2003	Instituição do Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo pela Portaria nº 1.374 de 03 de junho de 2003.  Grupo que elaborou as Referências Para Uma Política Nacional de Educação do Campo (BRASIL, 2003).	
2004	Publicação das Referências Para Uma Política Nacional de Educação do Campo (BRASIL, 2004).	
2005		Defesa e aprovação da Dissertação de Mestrado intitulada: <i>Relações Educacionais entre Famílias Rurais e Escola: Um estudo na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio em Jaguaquara – Bahia</i> , por Sonilda Sampaio Santos Pereira.
2006	Parecer CNE/CEB Nº 1/2006 - Recomenda a adoção da Pedagogia da Alternância em escolas do campo (BRASIL, 2006).	A ERTE realiza Encontro Regional de Reflexões Pedagógicas, com a presença de representantes do instituto e da família de Paulo Freire.
	Lei nº 10.330 - institui o Plano Estadual de Educação - PEE (BAHIA, 2006).	Aluna da ERTE, Mailza Bezerra, ganha em primeiro lugar concurso de redação do Estado, sobre o tema: A leitura em minha vida.  A ERTE recebe Moção de Honra da Câmara dos Vereadores de Jaguaquara.
2007		Por ocasião da homenagem a Paulo Freire, pelos dez anos de falecimento, o Instituto Paulo Freire, em São Paulo, indica a ERTE ao MEC, como escola freiriana, que compreende a proposta de educação na perspectiva de humanização, de libertação, conscientização (BRASIL, 2007).
2008	Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008 - Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo (BRASIL, 2008).	Organização e execução da Feira de Agricultura, no dia 28 de agosto de 2008, com mais de 2.000 visitantes na ERTE.
	Lei Estadual nº 11.352, de 23 de dezembro de 2008- Institui o Programa Estadual de Apoio Técnico-Financeiro às Escolas Família Agrícola – EFAs e Escolas Familiares Rurais – EFRs do Estado da Bahia (BAHIA, 2008).	
2009		A ERTE torna-se Unidade Gestora do Estado da Bahia, em janeiro de 2009.

2010	Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010 - Dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA (BRASIL, 2010).	Aprovação do Projeto de extensão da UESB para ERTE: Demandas da Pedagogia de Alternância.
	Lei 1835/2010 - Institui o Plano Estadual de Juventude na Bahia - diretrizes a serem observadas pelas políticas públicas voltadas aos jovens com idade entre quinze e vinte e nove anos (BAHIA, 2011).	<p>Aprovação e publicação de três trabalhos de educadores da ERTE, pela UNEB no Simpósio Memória, (Auto)biografia e Ruralidades.</p> <p>A ERTE é indicada pela SEC – Diretoria da Educação do Campo como Centro de excelência.</p> <p>A ERTE é indicada pelo Instituto Anísio Teixeira (IAT) para funcionamento de cursos Superiores, ministrados pela UESB, por meio da Plataforma Freire.</p> <p>A SEC-BA autoriza o funcionamento o ensino fundamental até os anos finais.</p> <p>A SEC – BA dá a ERTE o título de Escola Mãe do Verde Vida.</p> <p>A ERTE recebe, pela segunda vez, Moção de Honra da Câmara dos Vereadores de Jaguaquara.</p>
2011	Lançamento do livro: Movimentos Sociais, Estado e Políticas Públicas de Educação do Campo: pesquisas e práticas educativas, organizado por Maria do Socorro Xavier Batista (BATISTA org. 2011).	<p>Lançamento do livro: <i>ERTE: por um ser integral</i>. Organizado por Sonilda Sampaio Santos Pereira, com depoimentos de todos os educadores, docentes e servidores (PEREIRA org. 2011)<sup>1</sup>.</p> <p>Apresentação e aprovação da dissertação de mestrado, intitulada: <i>A Escola Rural Taylor-Egídio (ERTE): Paradigma freiriano na alternância</i>, por Regiane de Almeida Jordão, orientação do Prof. Dr. Paolo Nozela.</p>

<p>2012</p>	<p><i>Manifesto do Fórum Nacional de Educação do Campo (FONEC), realizado em agosto de 2012, em Brasília (BRASIL, 2012a).</i></p> <p><i>Lei nº 12.695, de 25 de julho de 2012 - Dispõe sobre o apoio técnico ou financeiro da União no âmbito do Plano de Ações Articuladas; altera a Lei no 11.947, de 16 de junho de 2009, para incluir os polos presenciais do sistema Universidade Aberta do Brasil, na assistência financeira do Programa Dinheiro Direto na Escola; altera a Lei no 11.494, de 20 de junho de 2007, para contemplar com recursos do FUNDEB as instituições comunitárias que atuam na educação do campo[.] (BRASIL, 2012b).</i></p> <p><i>DECRETO Nº 14.110, de 28 de agosto de 2012 - Dispõe sobre a regulamentação da Lei nº 11.352, de 23 de dezembro de 2008, que institui o Programa Estadual de Apoio Técnico-Financeiro às Escolas Família Agrícola - EFAs e Escolas Familiares Rurais - EFRs do Estado da Bahia, através de entidades sem fins lucrativos [...] (BAHIA, 2012).</i></p>	<p><i>Apresentação e aprovação da dissertação de Mestrado intitulada: O processo de aprendizagem da língua inglesa retratado em narrativas de crianças e adolescentes camponeses: o caso da Escola Estadual Rural Taylor Egídio, por Fannie Sampaio Pereira Novais.</i></p>
<p>2013</p>		<p><i>Lançamento do Minidicionário Rural: Uma Pesquisa Sociolinguística, a partir do falar dos familiares dos estudantes da ERTE, organizado por Sonilda Sampaio Santos Pereira (PEREIRA org. 2013)<sup>2</sup>.</i></p>
<p>2014</p>	<p><i>Lei nº 12.960 de 27 de março de 2014 - altera a LDBEN para constar a exigência de manifestação de órgão normativo do sistema de ensino (conselho) para o fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas, considerando para tanto a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar (BRASIL, 2014).</i></p>	<p><i>Participação na IV Conferência Regional e Estadual Infantojuvenil pelo Meio Ambiente – DIREC 13, Jequié - BA, com o Projeto: Vamos cuidar da ERTE com ações sustentáveis, com o tema: TERRA: Compostagem, reutilizando o lixo orgânico.</i></p> <p><i>Publicação da tese de doutorado intitulada: Navigando Nella Storiadell'educazione In Brasilejaguaquara: Analisi Una Esperienza Educativa, na UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI SASSARI, DIPARTIMENTO DI STORIA, SCIENZE DELL'UOMO E DELLA FORMAZIONE; Por: Maria Gerlandia De Oliveira Aquino.</i></p>
<p>2015</p>	<p><i>II Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária – II ENERA (BRASIL, 2015).</i></p>	

2016	VI Seminário Nacional das Licenciaturas em Educação do Campo Brasília.	<p>Apresentação e aprovação da dissertação de Mestrado intitulada: <i>Ensino de Zoologia e a Pedagogia da Alternância: Reflexões sobre a Prática Docente</i>, por Leticia Coelho dos Santos.</p> <p>Afastamento de todos os docentes que faziam parte da equipe fundadora da ERTE, pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, pelo motivo de não possuírem vínculos efetivos.</p> <p>Aposentadoria da primeira gestora, após quinze anos e nove meses de gestão.</p>
2017	Criação do curso de pós-graduação <i>latu senso</i> em Educação do/no Campo na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) tendo a ERTE como escola de aplicação. Aprovação da professora Vilmaci dos Santos Dias no referido curso.	Lançamento do livro: <i>A escola com que sonhei e ajudei a construir</i> . Organizado por: Sonilda Sampaio Santos Pereira e Hildacy da Silva Mota Dias, por ocasião dos quinze anos da ERTE (PEREIRA; DIAS, org. 2017) <sup>3</sup> .
2018	Encontro Nacional 20 anos da Educação do Campo e do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), tornando pública a Carta Manifesto do evento que foi realizado entre os dias 12 e 15 de junho, 2018, na Universidade de Brasília (UnB) (BRASIL, 2018).	<p>Participação na V Conferência Regional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente – NTE 09, Amargosa -BA, com o Projeto: As escolas da Bahia cuidando das águas, com o tema: Água para o bem: reaproveitamento da água da chuva. Projeto aprovado e indicado para participação na Conferência Estadual.</p> <p>Aprovação (2018) e implementação (2019), pela Secretaria Estadual de Educação (SEC-BA), do Curso Técnico - Ensino Médio - em Agroecologia.</p>

Quadro 2 – Paralelo entre atos legais e/ou eventos nacionais e estaduais referentes à educação de camponeses e os acontecimentos concomitantes, ou não, na ERTE.  
Fonte – Arquivo das pesquisadoras

Como está posto, a história e as bases da ERTE misturam-se com os maiores eventos da educação do campo no Brasil e na Bahia, nas duas últimas décadas. Consideramos um passo à frente dado pela ERTE, desde sua criação em 2001, no que tange à sua vocação que perspectivava a educação do ser humano integral. Desde então, propunha como missão “Envidar todos os esforços para que a educação de crianças e adolescentes camponeses se realize de forma integral, progressista e cristã” (ERTE - PPP, 2001 - 2018a, p. 6).

Ao lado da sua missão, afirma em um dos seus valores: “A concepção freiriana de educação integral é uma possibilidade para a realização da educação no/do campo” (ERTE - PPP, 2001, p. 7). E, ainda, ano a ano, em seus Planos de Trabalho, a justificativa se repete: “Este Plano de Trabalho justifica-se por seu objetivo geral: continuar fortalecendo, alargando e aprofundando a ação educativa integral desenvolvida pela Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE)” (ERTE – PLANO DE TRABALHO, 2001 – 2018b, p. 11).

1 A capa do livro ERTE: Por um ser integral, encontra-se na Figura 2.

2 A capa do Minidicionário rural: uma pesquisa sociolinguística, encontra-se na Figura 3.

3 A capa do livro *A escola com que sonhei e ajudei a construir*, encontra-se na Figura 4.

Quando completou dez anos, em 2011, lançou seu primeiro livro, escrito por todas as mãos que faziam a escola: *ERTE por um ser integral* (PEREIRA, org., 2011). Um composto de textos que validam os discursos de uma prática educacional com, e para, camponeses na perspectiva da integralidade do ser. Abaixo, na Figura 2, a capa deste livro. Em seguida, nas figuras 3 e 4, respectivamente, as capas das publicações que o sucederam. O *minidicionário rural: uma pesquisa sociolinguística*; e o segundo livro, *A escola com que sonhei e ajudei a construir*, esse alusivo às comemorações dos quinze anos da ERTE. Todos pela editora Ponto e Vírgula e citados no Quadro 2.



Figura 2 – Livro ERTE por um ser integral, Editora Ponto e Vírgula, em fevereiro de 2011.

Fonte – Arquivo das pesquisadoras



Figura 3 – Minidicionário rural: uma pesquisa sociolinguística, Editora Ponto e Vírgula, em março de 2013.

Fonte – Arquivo das pesquisadoras

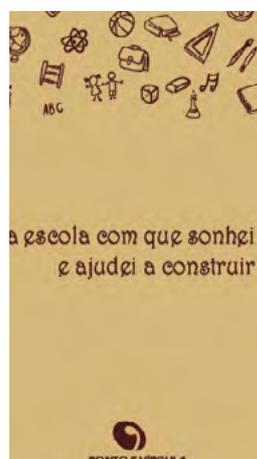


Figura 4 – Livro da ERTE A escola com que sonhei e ajudei a construir, Editora Ponto e Vírgula, em março de 2017.

Fonte – Arquivo das pesquisadoras

No Brasil já se tinha ouvido vozes, antes de 2001, indicadoras da efetiva possibilidade da educação integral. Uma educação capaz de ver o ser humano, especialmente, crianças e adolescentes, como seres inteiros, íntegros, indivisíveis. As referidas vozes, associadas às legislações, serviram de âncora à ERTE na construção das suas bases, crenças e práticas, as quais compõem seu Projeto Político Pedagógico.

Neste trabalho, destacamos três vozes que formam um tripé sustentador; verdadeiros mananciais, nos quais a ERTE foi bebendo e se fortalecendo. Começamos com o educador Anísio Teixeira (1900 – 1971), baiano de Caetité, que em meados do século XX, foi um dos pioneiros da proposta de escola de tempo integral no Brasil. Com ele, o conceito de educação integral ganhou abrangência além de tempo na escola, o ser contemplado integralmente. A Escola Parque da Bahia, inaugurada em 1950, foi uma marca e é um legado de Anísio Teixeira. Em 1957, o educador afirmava que

não se pode conseguir essa formação em uma escola por sessões, com os curtos períodos letivos que hoje tem a escola brasileira. Precisamos restituir-lhe o dia integral, enriquecer-lhe o programa com atividades práticas, dar-lhe amplas oportunidades de formação de hábitos de vida real, organizando a escola como miniatura da comunidade, com toda a gama de suas atividades de trabalho, de estudo, de recreação e de arte (TEIXEIRA, 1994, p. 63).

E continuava:

Desejamos dar, de novo, à escola primária, o seu dia letivo completo. E desejamos dar-lhe seu programa completo de leitura, aritmética e escrita e mais ciências físicas e sociais, e mais artes industriais, desenho, música, dança e educação física. Além disto, desejamos que a escola eduque, forme hábitos, forme atitudes, cultive aspirações, prepare realmente a criança para a sua civilização (TEIXEIRA, 1977, p. 141).

Durante cinco décadas, a obra de Anísio Teixeira foi marcada pela defesa de uma escola de educação integral, em tempo integral, sob a concepção de que as pessoas se formam e se desenvolvem na ação. Ele persistiu em seu ideal até o início dos anos de 1960, quando o autoritarismo, no Brasil, o retirou da vida pública (CAVALIERE, 2010, p. 258).

Ao lado e depois de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro (1922 – 1997), mineiro de Montes Claros, anos 1980, propôs os Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer. O educador pensava o ser uno que não se educaria se não fosse contemplado em sua inteireza. Por isso, sua voz ecoava:

ao invés de escamotear a dura realidade em que vive a maioria de seus alunos, proveniente dos segmentos sociais mais pobres, o Ciep compromete-se com ela, para poder transformá-la. É inviável educar crianças desnutridas? Então o Ciep supre as necessidades alimentares dos seus alunos. A maioria dos alunos não tem recursos financeiros? Então o Ciep fornece gratuitamente os uniformes e o material escolar necessário. Os alunos estão expostos a doenças infecciosas, estão com problemas dentários ou apresentam deficiência visual ou auditiva? Então o Ciep proporciona a todos eles assistência médica e odontológica (RIBEIRO, 1986, p.48).

Não obstante todo esforço, infelizmente, aos poucos estes centros se distanciaram da proposta de pensar o humano em sua integralidade. Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro marcaram a história da educação do Brasil no intento de realizar a educação integral, mas sabemos ser impossível que um ou dois homens resolvam questões educacionais tão sérias e históricas. Especialmente quando tais questões envolvem concepções vitais como a integralidade do ser.

Contudo, vamos adiante. À semelhança de Anísio Teixeira e de Darcy Ribeiro, Paulo Freire (1921 – 1997), educador pernambucano de Recife, defendeu a educação integral. Foi retirado da vida pública também pelo cerceamento inerente à ditadura, nos anos 1960. Suas contribuições sobre a inconclusão, e o inacabamento humano, e sobre a necessidade de conscientização, de saber-se no mundo e com o mundo, para um agir sobre e no mundo, demandam, naturalmente, de uma educação que compreenda o ser em sua inteireza.

*A consciência de, a intencionalidade da consciência, não se esgota na racionalidade. A consciência do mundo que implica a consciência de mim no mundo, com ele e com os outros, que implica também a nossa capacidade de perceber o mundo, de compreendê-lo, não se reduz a uma experiência racionalista. É como uma totalidade – razão, sentimentos, emoções, desejos -, que meu corpo consciente do mundo e de mim capta o mundo a que se intenciona (FREIRE, 2006, p. 75).*

Freire deixa aparecer em toda sua obra a compreensão que tem do ser humano como indivisível, inteiro, ser de relações e de complementariedade. Uma educação que fragmente o ser, não daria conta da proposta freiriana de libertação, humanização e conscientização. Estas proposições só são possíveis a partir da totalidade humana que dialoga com a história, com a cultura, com a afetividade, com a espiritualidade etc.

Os educadores citados, defensores da educação em tempo integral e da educação integral, corroboram as leis que regem o país, as quais servem da mesma forma à ERTE em sua proposta de educação integral para camponeses.

A Constituição da República Federativa do Brasil, Capítulo III, Seção I, Artigo 205, afirma: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, p. 108).

Dois anos depois da Constituição, em 1990, no Capítulo IV, Artigo 53, o Estatuto da Criança e do Adolescente corroborava o pleno desenvolvimento da pessoa: “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2017, p.46).

E a Lei Nacional, legisladora da educação integral, se consolidou na Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1996, Seção II, Artigo 29 e Seção IV, Artigo 35, Parágrafo 7º, destacando os aspectos e as dimensões do ser humano íntegro.

*A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.*

Os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e sociemocionais (BRASIL, 1996, p. 22 - 24).

Sob a compreensão de uma educação que não poderia nem deveria ser dicotomizada, em 2001, a ERTE foi inaugurada, inaugurando consigo a proposta de educação integral, em tempo integral. Nessas bases, construiu seu primeiro Projeto Político Pedagógico e seu Regimento Escolar (ERTE 2001 – 2018c).

Assim, a educação integral é concebida como prática educacional que entende a pessoa (o estudante) como um ser inteiro e busca contemplar todas as dimensões do desenvolvimento, bem como suas múltiplas e diversas inteligências. Educação integral é a própria definição de educação para a ERTE.

Defendendo e tendo diante de si o compromisso com a formação integral da pessoa humana, a ERTE vem se consolidando como uma instituição de ensino que busca atualizar suas práticas pedagógicas, bem como ampliar as possibilidades de bem estar para os educandos e funcionários que frequentam diariamente os seus espaços.

Em 2013, doze anos após a ERTE propor a educação integral, chegaram as *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica* orientando princípios éticos, políticos e estéticos para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2013).

Dezessete anos após a ERTE afirmar a educação integral como condição indispensável à educação de camponeses, o Ministério da Educação chega com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para expressar o

compromisso do Estado Brasileiro com a promoção de uma educação integral voltada ao acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno de todos os estudantes, com respeito às diferenças e enfrentamento à discriminação e ao preconceito (BRASIL, BNCC, 2018, p. 05).

Pereira (2005) apresentou os pilares para uma efetiva educação íntegra com camponeses. Dentre os pilares, a Pedagogia de Alternância que viabiliza um projeto de educação integral em tempo integral. A alternância pressupõe uma imersão no espaço educacional e resolve, *a priori*, problemas comuns às escolas que estão no campo: descontinuidade em dia de chuva, falta de transporte escolar, distância entre a unidade escolar e a moradia dos estudantes, atrasos dos docentes, ausências dos discentes em tempos demandantes de mão de obra etc.

Por isso, o sistema educativo de alternância surgiu como tentativa de dar conta da demanda da educação formal dos camponeses. Sua experiência acumulada a respaldou e concedeu-lhe um espaço nas *Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo* (BRASIL, 2004).

Não obstante conhecermos a Pedagogia de Alternância em 1998<sup>4</sup>, por meio da Fundação José Carvalho, o sistema educacional por alternância não era novidade, chegou ao Brasil nos anos 60. Nasceu na França em 1935, a partir da iniciativa de três agricultores, dentre eles, o presidente do Sindicato Rural, Senhor Jean Peyrat, e o Padre Granerau, a qual foi batizada, na França, de “A Casa Familiar de Lauzun”, dois anos mais tarde. Porém, só 25 anos depois uma lei francesa a reconheceu como modalidade pedagógica de alternância (GIMONET, 1999, p. 40 - 41).

Pereira (2005) na revisão da literatura sobre a Pedagogia de Alternância, citando vários autores, dizia que em 1935, quando os agricultores franceses se juntaram ao padre Granerau para criarem um modelo específico de escola que atendesse às exigências do seu meio, dando aos educandos um conhecimento de sólida formação geral e humanística aliado ao desenvolvimento profissional, tomando o ser inteiro, estavam, simultaneamente, criando um sistema educativo rural na perspectiva da alternância, aliado ao trabalho, ao desenvolvimento local e à valorização do homem em sua integralidade.

É chamada de alternância porque os educandos alternam os locais da aprendizagem: um período na escola, onde há propostas de trabalho com todas as dimensões do ser humano; e outro período em casa, com as atividades teóricas e práticas. A proposta para o período em casa é que educadores itinerantes visitem os educandos e suas famílias.

Na Pedagogia de Alternância, o estudante é concebido como ator de sua própria formação. A alternância é uma pedagogia da pessoa que supõe sempre uma singularidade de percurso. Tanto a valorização do indivíduo quanto a sistematização de seus sonhos para alcançar suas metas pessoais, encontram espaço no projeto educativo da Pedagogia de Alternância. É o projeto que dá sentido à formação inteira do alternante. Ainda que em espaços descontínuos, há a garantia da continuidade de ação formadora e condições para uma alternância integrativa, para uma formação integral, em tempo integral (PEREIRA, 2005).

O projeto dá significado à vida do educando porque envolve ações do seu cotidiano; e direção, porque sistematiza sua rotina para alcançar as metas propostas. Na concepção da Pedagogia de Alternância a formação não para. A continuidade da ação formadora não implica na continuidade dos espaços.

Na Pedagogia de Alternância, o educando é imerso num contexto escolar, onde participa de uma proposta de educação integral e libertadora porque há espaço constituído para o exercício da cidadania, da autonomia e da conscientização. “É preciso [...] que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência no mundo e não apenas o de receptor” (FREIRE, 2003, p. 124), competindo à escola o papel de mediadora das aprendizagens por meio de orientações tanto dos educadores quanto dos companheiros mais experientes.

Assim, há convergência e complementação entre a Pedagogia da Alternância e as propostas de Paulo Freire.

---

4 1998 foi o ano dos nossos primeiros contatos com as escolas camponesas com Pedagogia de Alternância da Fundação José Carvalho: Escola Rural Tina Carvalho, no município de Entre Rios; e Escola Rural Rolf Weinberg, no município de Pojuca, ambas na Bahia, enquanto conhecíamos estas escolas, o Projeto da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio era escrito.

Ambas nasceram fora da academia ou do sistema oficial de ensino para responder problemas específicos da comunidade: No Brasil, à época das reformas de base, na crise do modelo desenvolvimentista. Na França, impulsionados pelo movimento Sillon. Ambas apontam para a formação integral do homem que se quer novo, consciente, responsável, engajado e transformador do seu meio ambiente; perseguem a utopia de vida melhor e futuro novo; inspiram-se na ética cristã e se apóiam em autores comuns como E. Mounier; demandam máxima competência e dedicação de seus interlocutores; afirmam que não se aprende fora da realidade e que é necessário experimentá-la, vivê-la existencialmente. Em ambas, o compromisso é com a mudança e a transformação da realidade. Partem do contexto existencial dos alunos. Ênfase no diálogo e apontam para a necessidade de organização e autogestão responsável. Fazem da educação processo permanente de construção cultural e de desenvolvimento da comunidade. Originam novo ator social. Nenhuma apresenta receita pronta, tanto a alternância quanto a conscientização buscam, constantemente, a pesquisa participante e contato pessoal direto com o objeto a ser trabalhado (MÂNPIO, 1999, p. 53).

Desta forma, considerando os marcos legais; as contribuições da Pedagogia de Alternância, especialmente com Gimonet, Mânpio e Fundação José Carvalho; as proposições de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Paulo Freire, o projeto de escola camponesa – ERTE - para o exercício da educação integral calçou-se.

Neste momento, ao caminhar para sua segunda década, a ERTE abre-se à *prova dos nove*. Isto é, à análise dos dados da pesquisa com os egressos da experiência de imersão na escolaridade formal, perspectivadora da educação integral, por meio da Pedagogia de Alternância. Tema de que se ocupará a próxima parte.

# 5 Análise interpretativa e discursiva dos dados: a prova dos nove



Foto 7 – Estudantes concluintes do 9º ano do ensino fundamental – Turma do Girassol 2018, em 14.11.2018 / Fonte – Arquivo das pesquisadoras

*A própria ética do mercado, sob cujo império vivemos tão dramaticamente, é em si, uma das afrontosas transgressões da ética universal do ser humano. Perversa pela própria natureza. Ela não suporta melhorias [...] Para mim, ao repensar os dados concretos da realidade, sendo vivida, o pensamento profético, que é também utópico, implica a denúncia de como estamos vivendo e o anúncio de como poderíamos viver. É um pensamento esperançoso (FREIRE, 2000, p. 117 - 119).*



Um método de investigação é imprescindível na etapa de análise dos dados de toda pesquisa. Para este estudo, fizemos a opção pela Análise de Conteúdo (AC), como preconizada por Laurence Bardin:

A análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados [...] Uma análise de conteúdo não deixa de ser uma análise de significados, ao contrário, ocupa-se de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação (BARDIN, 2011, p. 15).

Roque Moraes (1999), corroborando Laurence Bardin, afirma que a AC se constitui numa metodologia utilizada, enquanto ferramenta analítica, para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Desta forma,

a Análise de Conteúdo compreende procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. É uma ferramenta, um guia prático para a ação, sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Pode-se considerá-la como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação (MORAES, 1999, p. 8).

Assim sendo, a AC se estabelece como uma metodologia que ultrapassa a simplicidade de uma técnica de análise de dados. Possui características e possibilidades peculiares, enquanto abordagem metodológica. Bardin (2011) também reflete sobre a relação da AC com a linguística, por ambas terem a linguagem como objeto comum.

Moraes (1999) afirma que, na abordagem da AC, o (os) objetivo (os) do estudo não podem ser ambíguos, mas colocados com transparência e explicitados claramente. O autor afirma que os objetivos podem ir se desenhando à proporção que a pesquisa caminha. Mas, no fechamento do estudo faz-se necessário verificar se os resultados respondem às questões levantadas no início. Embora tivéssemos a possibilidade de redesenhar os objetivos durante o percurso, não lançamos mão deste expediente. Mantivemos o foco explicitado nos objetivos formulados diante da problemática inicial.

Durante o processo de análise, precisamos nos aprofundar teoricamente na metodologia visando melhor compreender os fundamentos da AC e, por conseguinte, a concepção das etapas de realização do método. Na literatura referente à AC, há diversas descrições para as etapas do processo da análise de conteúdo, mas na maioria dos casos se referem às mesmas etapas com uma nomenclatura diferente.

Neste trabalho, seguimos as cinco etapas proposta por Moraes (1999): Preparação das informações; Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; Categorização ou classificação das unidades em categorias; Descrição e Interpretação.

A primeira etapa: *Preparação das informações* consistiu na identificação e constituição da informação a ser analisada - o *corpus* de análise. Em uma pesquisa qualitativa, o *corpus* de análise é composto pelo material a ser analisado, recolhido a partir dos instrumentos aplicados no momento da investigação. Nesta pesquisa, o *corpus* de análise se

constituiu das respostas dos egressos da ERTE ao questionário com respostas abertas realizado com os dezessete ex-educandos, concluintes do quinquênio 2013 – 2017<sup>1</sup>, conforme apresentados na segunda parte.

Organizamos as entrevistas a partir de um itinerário, elaborado previamente, composto por questões motivadas pela problemática e pelos objetivos da pesquisa. Após o momento da entrevista, de posse dos dados, iniciamos a leitura do material, a princípio despretensiosamente, sem fazer inferências, apenas com a intenção de compreender aspectos interessantes do contexto macro das informações.

Passamos a segunda etapa, *Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades* que, segundo Moraes (1999), tem por finalidade definir as unidades de análise. Para tanto, seguimos o itinerário das entrevistas realizadas com os egressos. Os dados foram organizados e apresentados em quadros e estarão compondo as unidades de análise. Com a pretensão de não identificar os nomes dos colaboradores-parceiros, utilizamos letras do alfabeto: Egresso A (EG A), Egresso B (EG B) etc. Seguimos a ordem alfabética a partir da primeira letra do alfabeto. Demarcamos quatro unidades de análise que estão relacionadas aos quatro objetivos específicos, apresentados na segunda parte. Cada unidade se compõe de um bloco de assuntos que estão reciprocamente relacionados.

Tendo os dados da pesquisa em mãos, iniciamos a terceira etapa: *Categorização ou classificação das unidades em categorias*. As categorias representam o resultado de um esforço de síntese de uma comunicação, destacando neste processo seus aspectos mais importantes para as pesquisadoras (MORAES, 1999). Os dados levantados a partir das entrevistas foram classificados em quatro eixos temáticos de análise. Cada eixo representa uma categoria de análise composta por duas questões. Dentro de cada categoria, foram agrupadas questões do roteiro de perguntas da entrevista semiestruturada para o grupo, condizentes com o eixo em estudo.

O Eixo 1 – *Dimensões da vida humana, o ser integral*. Nesse eixo, agrupamos questões que nos permitissem observar quais dimensões da vida humana foram, efetivamente, trabalhadas, na visão dos egressos, colaboradores-parceiros desta pesquisa, no projeto de educação integral da ERTE, nos períodos frequentados por eles. O Eixo 1 está relacionado ao primeiro objetivo específico do estudo.

No Eixo 2 – *Vida acadêmica*, arrolamos questões que nos possibilitassem registrar se a passagem pela ERTE serviu de alavanca para os ex-educandos continuarem a vida acadêmica. O Eixo 2 está em sintonia com o segundo objetivo específico.

Eixo 3 – *Participação social como ocupação emanante de realização pessoal e de autossustento*. Reunimos questões que nos permitissem analisar quanto a ERTE contribuiu (ou não) para a participação social dos ex-educandos nas perspectivas de realização pessoal e autossustento. O Eixo 3 encontra-se vinculado ao terceiro objetivo específico.

---

1 O ano de 2013 foi quando começaram a sair da ERTE os primeiros concluintes do ensino fundamental completo – 8ª série, hoje, 9º ano. Neste recorte temporal 2013 – 2017 saíram 170 concluintes. Assim, o número 17 representa 10%.

No Eixo 4 – *Vida no campo*, as questões foram direcionadas de uma forma que nos fosse possível correlacionar os vínculos existentes entre a realidade concreta e atual dos ex-educandos e o compromisso com a vida do/no campo. O Eixo 4 está implicado ao quarto objetivo específico.

A quarta etapa – *Descrição* – foi constituída pela definição das categorias e do material constituinte de cada categoria de análise. Nesta etapa, agrupamos os dados em quadros, nos quais as respostas dos ex-educandos foram classificadas conforme critérios e códigos avaliativos. A partir da sugestão de classificação das categorias de análise utilizadas por Oliveira (2014) e por Santos (2016): Satisfatória (S), Parcialmente Satisfatória (PS) e Insatisfatória (I), fizemos nossa própria distribuição sistemática, a qual recebeu, respectivamente, as seguintes nomenclaturas: Aproximada (A), Intermediária (I) e Distante (D).

Classificamos as respostas que se aproximaram ou contemplaram a expectativa eleita para a respectiva questão, como Aproximadas (A). Aquelas respostas que se aproximaram da expectativa, mas apresentaram elementos que não faziam parte do contexto da pergunta, e/ou apresentaram uma argumentação pouco fundamentada acerca da questão, classificamos como Intermediárias (I). E, aquelas respostas que não contemplaram a expectativa anunciada, foram classificadas como Distantes (D). Condensamos estas informações no quadro abaixo:

CLASSIFICAÇÃO	CÓDIGO	DESCRIÇÃO
APROXIMADA	A	Resposta que se aproxima ou contempla a expectativa eleita para a respectiva questão.
INTERMEDIÁRIA	I	Resposta que se aproxima da expectativa, mas apresenta elementos que não faziam parte do contexto da pergunta, e/ou apresenta uma argumentação pouco fundamentada acerca da questão.
DISTANTE	D	Resposta que não contempla a expectativa anunciada.

Quadro 3 – Categorias avaliativas das respostas apresentadas pelos egressos da ERTE.  
Fonte: Arquivos das Pesquisadoras.

Para cada questão, foi gerada uma expectativa, segundo Oliveira (2014) *in* Santos (2016), as expectativas funcionam como descritores de um conjunto de habilidades e competências. O termo expectativas designa as perspectivas, convicções ou valores que lançamos sobre algo ou sobre as pessoas. Fundamentalmente, as expectativas são os valores que nós temos e criamos em relação aos outros, e os levamos em consideração no momento de uma análise.

Pontuamos que as expectativas nos serviram de parâmetros com fins didáticos e organizacionais, facilitadores da análise, mas não as tivemos diante de nós como únicas possibilidades. Observamos e estivemos abertas a outras contingências, situações imprevisíveis, casualidades e eventuais outros olhares, ou melhor, a outras expectativas não delineadas por nós. Nesse trabalho é impossível apresentarmos tudo que ocorreu, mas as ocorrências aguardam novas pesquisas para serem colocadas em cena.

Por meio dos critérios avaliativos, classificamos as respostas apresentadas às questões do questionário de cada Eixo Temático. De acordo com Moraes (1999), chegamos

à quinta etapa da Análise de Conteúdo, isto é, a Interpretação. Além da interpretação, nesta etapa incluímos nossas discussões. A seguir, apresentaremos as respostas dos egressos ao questionário, acompanhadas de discussões sobre cada eixo.

**EIXO 1 – Dimensões da vida humana, o ser integral**

PERGUNTA 1	Você acha que a educação praticada pela ERTE, enquanto lá estava, contemplou todas as dimensões da sua vida?																
EXPECTATIVA	Espera-se que o egresso responda afirmativamente por haver apreendido a proposição e a consequente prática pedagógica íntegra.																
COLABORADORES	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG
PARCEIROS	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	Q	R
CLASSIFICAÇÃO	A	A	A	A	A	A	I	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
PERGUNTA 2	Enumere as dimensões que integram o ser humano, as quais foram enfocadas pela prática pedagógica da ERTE, no tempo em que você era interno.																
EXPECTATIVA	Espera-se que o egresso enumere as oito dimensões que integram o ser humano, as quais constam no Projeto Político Pedagógico (PPP) da ERTE.																
COLABORADORES	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG	EG
PARCEIROS	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	Q	R
CLASSIFICAÇÃO	A	A	A	A	A	A	I	A	A	A	A	I	A	A	A	A	A

Quadro 4 – Síntese dos resultados do Eixo 1  
Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Ao serem convidados a dialogar sobre a questão: *Você acha que a educação praticada pela ERTE, enquanto lá estava, contemplou todas as dimensões da sua vida?* Das dezessete respostas analisadas, dezesseis foram classificadas como Aproximadas (A). Embora a resposta do colaborador-parceiro, EG G, tenha sido classificada como Intermediária (I), transcrevemos abaixo um excerto de sua fala, na qual estão salientadas algumas dimensões que integram o ser humano, as quais, segundo EG G, foram trabalhadas na ERTE, no período em que lá esteve na condição de educando.

Na ERTE tive contato com a possibilidade de desenvolver minha espiritualidade. Também tive orientações como cuidar do meu corpo para manter a saúde física. Os educadores ensinavam como viver bem em família, respeitando e buscando o próprio respeito, como viver e nos comportarmos socialmente, sobre os relacionamentos íntimos e também nos orientavam como cuidar do meio ambiente, iniciando em nossas casas. Outra coisa passada pela ERTE era a orientação de como ser cidadão de bem e agir na sociedade (EG G).

Das oito dimensões propostas no PPP, a saber: cognitiva, laboral, cultural, social, psíquica, corporal, espiritual e afetiva, apenas o conhecimento sobre as emoções e o controle sobre elas, para EG G, não foi contemplada. Das dezesseis respostas Aproximadas (A), destacamos a fala do EG Q por ser uma síntese corroborada na maioria das outras falas:

A ERTE me ajudou a perceber e desenvolver minha espiritualidade. Sem espiritualidade, estamos sem a base. Na ERTE eu aprendi a perceber meus sentimentos e emoções e mantê-los sob meu comando. Os educadores explicavam como

cuidar das partes do corpo, como limpar-se e usar produtos íntimos. Também ensinaram sobre relacionamento familiar, especialmente, a observar o turno de fala. Quando uma pessoa fala, a outra deve ouvir tudo para depois se pronunciar. Também ouvi e aprendi sobre respeito aos que nos rodeiam. Outras vezes, tivemos orientações sobre como ter um relacionamento íntimo, prevenir gravidez e se cuidar nestes casos. Eu aprendi como me manter na sociedade, ser cidadã, a pedir desculpa, licença. Fui orientada a como cuidar do meu espaço de moradia (EG Q).

Este depoimento do EG Q está corroborado pela fala propositiva de Anísio Teixeira (1994), citada na quarta parte, na qual o educador afirmava: “precisamos restituir [a escola] o dia integral [...] dar-lhe amplas oportunidades de formação de hábitos de vida real, organizando a escola como miniatura da comunidade, com toda a gama de suas atividades de trabalho, de estudo, de recreação e de arte” (TEIXEIRA, 1994, p. 63).

Sobre a pergunta 2 do Eixo 1, que solicita a enumeração das dimensões que integram o ser humano, as quais foram enfocadas pela prática pedagógica da ERTE, no tempo em que o egresso era interno, das dezessete respostas, consideramos quinze Aproximadas (A) e duas Intermediárias (I). Os egressos EG G e EG M, sinalizaram a falta de ensino e de vivências sobre: conhecimento e controle das emoções, relacionamento íntimo e práticas cuidadosas com o meio ambiente, a partir do espaço físico de moradia.

Estas sinalizações como respostas à pergunta 2, a nosso ver, levantam possibilidades. Primeira: talvez as proposições da ERTE sobre a práxis educacional, que toma o ser humano íntegro, não tenha conseguido a prática da intenção; segunda: os temas cognoscíveis a um grupo de pessoas, talvez não os sejam para tantas outras; terceira: mais improvável em nossa opinião, a prática educacional da ERTE haja omitido estas dimensões da vida humana.

Desconfiamos desta última possibilidade por considerarmos que a maioria, quinze, das respostas foram Aproximadas (A). Todavia, não desprezamos nenhuma fala e pontuamos a ausência de referência, nos documentos da ERTE, de autor como Daniel Goleman (s/d), em estudos como o cérebro emocional e inteligência emocional aplicada.

Também compreendemos que no processo *ensinoaprendizagem*, há variáveis que não podem ser desprezadas, tais como: cada educando tem seu tempo para aprender, nem toda ministração é ensino, e processo é processo, e, como tal, não pode ser mensurado pontualmente.

EIXO 2 – *Vida acadêmica*

PERGUNTA 1	Sua passagem pela ERTE foi decisiva para a continuidade dos seus estudos?																
EXPECTATIVA	Espera-se que o egresso responda afirmativamente por haver compreendido o significado positivo que os documentos oficiais da ERTE dão à continuidade e, conseqüentemente, à terminalidade dos ciclos educacionais formais.																
COLABORADORES PARCEIROS	EG A	EG B	EG C	EG D	EG E	EG F	EG G	EG H	EG I	EG J	EG L	EG M	EG N	EG O	EG P	EG Q	EG R
CLASSIFICAÇÃO	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
PERGUNTA 2	Sua passagem pela ERTE lhe influenciou quando diante da tomada de decisão (opção) pelo curso que faz ou fez?																
EXPECTATIVA	Espera-se que o egresso responda afirmativamente considerando que o campo e a vida campesina estão no Projeto Político Pedagógico, no Plano de Trabalho e no Regimento Escolar como eixo norteador de todas as ações, eventos e práticas pedagógicas da ERTE.																
COLABORADORES PARCEIROS	EG A	EG B	EG C	EG D	EG E	EG F	EG G	EG H	EG I	EG J	EG L	EG M	EG N	EG O	EG P	EG Q	EG R
CLASSIFICAÇÃO	A	I	A	A	A	A	A	A	A	D	A	A	A	A	D	D	A

Quadro 5 – Síntese dos resultados do Eixo 2

Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Quando do momento da entrevista semiestruturada em grupo sobre a questão: *Sua passagem pela ERTE foi decisiva para a continuidade dos seus estudos?* As dezesse- te respostas analisadas, foram classificadas como Aproximadas (A). Dessa unanimidade, depreendemos que tanto a equipe gestora quanto a equipe docente fez cumprir, na prática, as proposições dos documentos oficiais da ERTE que defendem à continuidade e à termi- nalidade dos ciclos educacionais formais.

Em todos os seus documentos, a ERTE corrobora o pensamento do acesso e da continuidade à formação educacional formal como possibilidade do ser humano se realizar e se autorizar, autorizando suas vozes nos mais distintos e múltiplos espaços (a)onde a vida acontece.

Nesse eixo, com a pergunta 1 e suas respectivas respostas, voltamos no tempo para dialogar com a *I Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo* de 1998 (BRASIL, 1998). Essa Conferência, realizada na cidade de Luziânia – Goiás, aconteceu con- comitante à escrita do Projeto da ERTE e, dentre outras reivindicações, segundo Pereira, *in* Batista (2011, p. 344), reivindicou “o acesso imediato à educação básica [...], a construção de alternativas pedagógicas que viabilizem escolas de educação fundamental e de ensino médio com qualidade [...], a ampliação do acesso e garantia de permanência da população do campo à educação superior”.

Desta forma, registramos que, inspirada e calçada, dentre outras, na *I Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo*, a ERTE cumpriu, durante seus primeiros dezessete anos, a responsabilidade de abrir o acesso e garantir a continuidade tanto dentro dela quanto após sua oferta de escolaridade. Ratificamos com as palavras da EG B: “A

ERTE nos ensina, desde cedo, que a educação e o conhecimento são ferramentas transformadoras e essenciais”.

Após a pergunta 1 do Eixo 2, partimos para a pergunta 2: *Sua passagem pela ERTE lhe influenciou quando diante da tomada de decisão (opção) pelo curso que faz ou fez?* Das dezessete respostas, treze, classificamos como Aproximadas (A). Dessas, destacamos os seguintes excertos:

Escolhi fazer o curso técnico-agrícola por causa da ERTE. Estudei três anos em Pojuca sob a inspiração da ERTE (EG E).

A prática agrícola na ERTE me incentivou a fazer o curso técnico em agropecuária (EG I).

Quero fazer faculdade de agronomia por causa das aulas de agricultura da ERTE (EG L).

Escolhi meu curso por causa das aulas de agricultura da ERTE e por causa do educador da matéria (EG M).

Fazer agronomia foi uma decisão que a ERTE me ajudou a tomar (EG N).

A partir dessas respostas, registramos que a ERTE serviu, à maioria, tanto como alavanca para a continuidade dos estudos quanto para a fixação do olhar para a necessidade de ascensão acadêmica, tendo o campo e suas categorias como objeto de aprofundamento.

Não obstante a maioria das respostas à pergunta 2, do Eixo 2, tenha sido classificada de forma Aproximada (A), passamos a considerar as quatro outras respostas. Uma foi classificada como Intermediária (I), isto é, se aproximou da expectativa. A EG B respondeu: “A ERTE influenciou, indiretamente, quando da minha opção pelo curso superior”. As outras três respostas foram analisadas como Distantes (D) por estarem em branco.

Uma das respostas classificadas como Distante (D) comentou: “estou tentando adaptar o único curso que tenho à minha disposição, na zona rural, e de possível acesso, às questões camponesas que estudei na ERTE (EG J). Assim, depreendemos que as dificuldades, os cerceamentos e as linhas limítrofes continuam impedindo os camponeses aos acessos acadêmicos e/ou outros para suas ascensões e protagonismos.

Ainda está por cumprir-se o Artigo 3º das *Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo*: Parecer nº 36/2001 e Resolução 1/2002 do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2002), que propõe a “garantia da universalização do acesso da população do campo à Educação Básica e à Educação Profissional de Nível Técnico”. E, acrescentaríamos: à Educação Superior.

As *Diretrizes Operacionais* foram instituídas quando a ERTE completava seu primeiro ano de funcionamento. São passados dezessete anos e estamos nós, cá, esperando seu cumprimento para nossos ex-educandos.

**EIXO 3 – Participação social como ocupação emanante de realização pessoal e de autossustento**

PERGUNTA 1	Você participa da vida social tendo uma ocupação que lhe realize como pessoa e lhe confira o sustento?																
EXPECTATIVA	Espera-se que o egresso, maior de idade, responda afirmativamente considerando que a ERTE propôs em seus documentos oficiais, durante seus dezessete primeiros anos, “um ensino voltado para a participação social, a realização da pessoa humana e a autogestão emancipadora e autossustentadora”.																
COLABORADORES PARCEIROS	EG A	EG B	EG C	EG D	EG E	EG F	EG G	EG H	EG I	EG J	EG L	EG M	EG N	EG O	EG P	EG Q	EG R
CLASSIFICAÇÃO	A	I	A	A	A	I	A	A	A	I	I	I	I	I	A	I	I
PERGUNTA 2	Sua passagem pela ERTE tem influenciado sua participação social emanante de realização pessoal e de autossustento?																
EXPECTATIVA	Espera-se que o egresso responda afirmativamente considerando que a ERTE propôs em seus documentos oficiais, durante seus dezessete primeiros anos, “um ensino voltado para a participação social, a realização da pessoa humana e a autogestão emancipadora e autossustentadora”.																
COLABORADORES PARCEIROS	EG A	EG B	EG C	EG D	EG E	EG F	EG G	EG H	EG I	EG J	EG L	EG M	EG N	EG O	EG P	EG Q	EG R
CLASSIFICAÇÃO	A	I	A	A	A	I	A	D	A	I	I	I	I	I	A	I	D

Quadro 6 – Síntese dos resultados do Eixo 3  
Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Ao analisarmos as dezessete respostas da pergunta 1, do Eixo 3, percebemos que nenhuma foi Distante (D). Oito foram Aproximadas (A) e nove Intermediárias (I). Estas respostas nos sinalizam que todos os egressos colaboradores-parceiros estão participando, de alguma forma, da vida social como ocupação realizadora e conferidora de sustento, nos locais onde inseridos. O ensino da ERTE, preconizado em seu Projeto Político Pedagógico, que propõe “um ensino voltado para a participação social, a realização da pessoa humana e a autogestão emancipadora e autossustentadora”, foi efetivamente realizado e apreendido pelos estudantes de então.

O referido ensino sobre participação social, realização pessoal, emancipação e autossustento, teve (e tem) como base M.M. Pistrak (2011) ao desenvolver seu pensamento sobre o trabalho na escola:

O trabalho é um elemento integrante da relação da escola com realidade atual, e neste nível há fusão completa entre ensino e educação. Não se trata de estabelecer uma relação mecânica entre o trabalho e a ciência, mas, sim, de torná-los duas partes orgânicas da vida escolar, isto é, da vida social das crianças (PISTRAK, 2011, p. 41).

As oito respostas Aproximadas (A) indicaram participações na vida social das quais emanam seus sustentos, nas seguintes áreas: atuação em educação (EG A), operação em empresa de telemarketing (EG D), atuação em educação infantil (EG I), atuação em salão de beleza (EG G), atendimento a público em espaço farmacêutico (EG H), e agricultura (EG E, EG C, EG P).

As nove respostas classificadas como Intermediárias (I) foram aquelas que contemplaram parte da pergunta, ou melhor, há participação na vida social com ocupação que o(a) realize como pessoa, mas não conferindo o sustento. Quatro egressos, EG L, EG N, EG O e EG Q, ainda não completaram dezoito anos de idade, estão todos cursando o ensino médio em outras instituições educacionais, sustentados pelos familiares. Os quatro foram unânimes na afirmação: “Estou me dedicando aos estudos com o apoio dos familiares. Ingressarei no trabalho quando terminar a formação”.

Das nove respostas, cinco dos egressos, EG B, EG F, EG J, EG M e EG R, são maiores de idade e foram classificadas também como Intermediárias (I) porque, de alguma forma, estão participando da vida social, alguns como voluntários, como é o caso dos egressos EG F e EG R; outros como estudantes-estagiários, como: EG B, EG J e EG M. Assim, 100% dos egressos colaboradores estão participando de atividades sociais, buscando autorrealização e perseguindo o autossustento.

Após nossa análise, depreendemos que a ERTE, a partir dos egressos estudados, realizou o que Pistrak imaginou como atividade prática dos educandos, em sua terceira observação: “A passagem da escola à vida real deve ser realizada imperceptivelmente [...] A atividade prática das crianças permite a passagem quase insensível dos bancos da escola para uma participação efetiva na vida prática” (PISTRAK, 2011, p 75 -77).

Quanto à pergunta 2 do Eixo 3, *se a passagem pela ERTE tem influenciado a participação social emanante de realização pessoal e de autossustento*, das dezessete respostas, sete foram classificadas como Aproximadas (A). Estes participam da vida social e sustentam-se a si mesmos. Todos fizeram menção da influência da ERTE em suas atuais participações na vida social.

Concluí meu curso de pedagogia e voltei para a ERTE como educadora. Senti o desejo de ser colaboradora desse projeto. Amo muito as crianças e me sinto responsável por elas (EG A).

A ERTE influenciou na área que trabalho. Sou agricultor. Aprendi a plantar, cuidar das plantas e dos animais de maneira correta (EG C).

A instituição que trabalho lembra a ERTE. Falei sobre minha experiência na ERTE na entrevista para admissão. É um conjunto de escolas onde os educandos ficam internos durante o dia e também é voltado para pessoas necessitadas (EG D).

O trabalho na horta me incentivou na área de agronomia. Fiz o curso profissionalizante e gosto muito. Sou autônomo na área agrícola (EG E).

Comecei a gostar da área de beleza, cabeleireiro, na ERTE. Hoje atuo nessa área (EG G).

Sou cuidadora de bebês. Sinto-me educadora infantil. Cuido dos bebês com o mesmo carinho com que cuidaram de mim quando cheguei criança na ERTE. Aprendi na ERTE sobre a dignidade do trabalho (EG I).

Na ERTE aprendi a trabalhar com a horta. Hoje vivo de plantar, colher e vender os produtos agrícolas que cultivo em minha roça (EG P).

Ainda analisando as respostas à pergunta 2, do Eixo 3, classificamos oito como Intermediárias (I). Foram as respostas dos egressos EG B, EG F, EG J, EG M, EG N, EG O e EG Q. Estes afirmaram que a ERTE tem influenciado suas opções no que diz respeito à participação social, à realização pessoal, mas ainda não sustentam-se a si mesmos. E duas respostas foram classificadas como Distantes (D). Uma porque o egresso diz ainda não se sentir participe da vida social e justifica-se por “falta de oportunidade” (EG R) e a outra porque o egresso afirma estar em uma atividade apenas para manter-se, sem, contudo, identificar-se ou realizar-se pessoalmente (EG H).

**EIXO 4 – Vida no campo**

PERGUNTA 1	Após sua saída da ERTE, você continua mantendo vínculo com o campo?																
EXPECTATIVA	Espera-se que o egresso responda afirmativamente uma vez que o Projeto de criação da ERTE afirmava, em 1998, que a opção pela pedagogia de alternância se justificava pela possibilidade do estudante camponês não cortar suas raízes com o campo.																
COLABORADORES PARCEIROS	EG A	EG B	EG C	EG D	EG E	EG F	EG G	EG H	EG I	EG J	EG L	EG M	EG N	EG O	EG P	EG Q	EG R
CLASSIFICAÇÃO	A	A	A	D	A	A	A	D	A	A	A	A	A	A	A	A	A
PERGUNTA 2	Qual é (ou foi) sua inquietação relacionada ao campo e qual foi (ou tem sido) sua contribuição concreta para o campo?																
EXPECTATIVA	Espera-se que o egresso apresente inquietação, espírito de luta e de enfrentamento e contribuição para (e com) o campo uma vez que toda proposta pedagógica da ERTE apontava (e aponta) para um fazer educacional que viabilize a vida no campo, o fortaleça e dê visibilidade às suas especificidades.																
COLABORADORES PARCEIROS	EG A	EG B	EG C	EG D	EG E	EG F	EG G	EG H	EG I	EG J	EG L	EG M	EG N	EG O	EG P	EG Q	EG R
CLASSIFICAÇÃO	A	A	A	D	A	A	A	D	A	A	A	A	A	A	A	A	A

Quadro 7 – Síntese dos resultados do Eixo 4  
Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Na análise das respostas às questões 1 e 2, do Eixo 4, correlacionamos duas que classificamos como Distantes (D). Foram dos egressos EG D e EG H. Estes apenas pontuaram que, “infelizmente não continuam mantendo vínculo com o campo”, mas não apresentaram os motivos do distanciamento. Da mesma forma, não apresentaram inquietações, nem espírito de luta, nem contribuições para (e com) o campo. Apenas deixaram em seus escritos que estão morando em grandes centros.

As outras quinze respostas foram classificadas como Aproximadas (A). Os egressos afirmaram que continuam mantendo vínculos e, de alguma forma, participando de lutas, enfrentamentos e contribuindo com o campo. Em suas palavras, os testemunhos pessoais:

Minha família continua no campo. Lá tenho uma pequena roça. Sempre quero o melhor para o campo. Vivo inquieta pelo fato do pequeno agricultor sofrer a falta de recursos financeiros. Tenho contribuído com palavras de incentivo e dado visibilidade a importância do campo e do agricultor (EG A).

Grande parte de minha família ainda reside no campo, inclusive meu pai que é agricultor. Tenho a seguinte inquietação: há ausência de informação a respeito da utilização consciente da terra, do cultivo orgânico e do respeito pela natureza. Indiretamente, enquanto bacharelanda em química, tenho contribuído buscando relacionar os conhecimentos acadêmicos com a minha vivência com o campo (EG B).

Minha família tem um sítio, onde coloco em prática o que aprendi na ERTE. As pessoas têm a ilusão que a cidade é melhor que o campo, por isso deixam a roça e vão para lá. Isso me inquieta. Tento contribuir incentivando as pessoas a cuidarem melhor do campo, pondo em prática tudo que aprendi na ERTE e cuidando do sítio (EG C).

Continuo relacionado com o campo por meio do comércio de produtos agrícolas. Também meus irmãos continuam morando na zona rural de Jaguaquara. Infelizmente, continuo inquieto porque o homem do campo ainda é muito desvalorizado. Precisa de políticas públicas para incentivar o trabalhador rural. Vender produtos do campo e ganhar a vida nessa prática, tem sido uma forma de contribuir e anunciar que o campo não morreu (EG E).

Ainda me relaciono com o campo, plantando e cultivando as plantas. Tenho preocupação com o desmatamento que os próprios camponeses fazem porque não têm conhecimento com o prejuízo que dão ao solo. Eu cultivo plantas para serem plantadas em áreas desmatadas (EG F).

Temos roças de verduras e terras. O desmatamento está demais, com isso o meio ambiente sofre e, nós, seres humanos também. Busco não desmatar e não fazer queimadas (EG G).

Meu pai mora na roça, é agricultor. Não vejo que os governantes se importam com os moradores do campo. Essa é minha inquietação (EG I).

Continuo morando na zona rural de Jaguaquara, no distrito de Itiúba. Sou inquieto pelo fato do povo camponês não ter seu valor na sociedade. Ajudo meus pais na roça plantando e orientando a plantação de hortaliças (EG J).

Resido no pólo industrial da lavoura em Goiás. Minha maior inquietação é a falta de qualidade da educação dos alunos que moram no campo. Há desvalorização do homem do campo. Estou contribuindo por meio de um projeto de implantação de horta escolar, na atual escola onde estou estudando. Tenho o objetivo de contribuir para que os alunos saibam da importância de cultivar o solo e tratar da terra (EG L).

Continuo morando na roça com minha família. Sou inquieto com o fato do meu pai ter muito trabalho para produzir e, na hora de vender, os produtos não têm valor. O que aprendo em meu curso técnico em agropecuária, levo para ensinar a minha família, especialmente, a meu pai. Esta é minha atual contribuição (EG M).

Minha família tem roça. Continuo vinculado ao campo. Vivo inquieto porque as pessoas que trabalham no campo para terem alimentos nas mesas são desvalorizadas. Minha contribuição é continuar estudando e me formar em agronomia para ajudar as pessoas do campo como aprendi na ERTE (EG N).

Meu vínculo com o campo é permanecer cultivando o solo. A desvalorização do agricultor é minha inquietação. Evito a poluição, planto árvore, preservo as matas ciliares. Coloco em prática tudo que aprendi na ERTE (EG O).

Moro no campo e lá trabalho. Minha maior inquietação é porque o trabalhador rural não tem valor. Permanecendo no campo, plantando e cultivando o solo, sei que estou contribuindo (EG P).

Eu frequento a roça do meu pai. Lá eu planto e amo ficar lá. Me inquieta a situação precária das estradas rurais. Os carros quebram e ficam atolados. A prefeitura não dá valor aos trabalhadores rurais mesmo sabendo que são eles que produzem os alimentos. Respeito os trabalhadores rurais, valorizo e defendo cada um deles (EG Q).

Moro no campo e ajudo meu pai no cultivo da terra. Ainda vejo pessoas do campo colocando veneno nas plantas. Essa é minha maior inquietação. Minha contribuição é: além de ajudar meu pai no campo, oriento muitas pessoas em como fazer um bom plantio (EG R).

Nessa amostra, um anúncio: a pedagogia de alternância, de fato, não corta raízes.

Ela brota do desejo de não cortar raízes. É uma das pedagogias produzidas em experiências de escolas do campo. Busca integrar a escola com a família e a comunidade do educando. Permite uma troca de conhecimentos e o fortalecimento dos laços familiares e dos vínculos dos educandos. (CALDART, 2005, p. 104 – 105).

Nos excertos dos quinze egressos que continuam vinculados ao campo, catorze referem-se às suas famílias e às conseqüentes relações com a terra a partir delas, exceção apenas EG L. Dessa forma, conforme apresentada na quarta parte, a pedagogia de alternância é uma possibilidade viável para a realização da Educação do/no Campo e fortalecimento dos vínculos dos estudantes com seus familiares e com a terra.

Das quinze respostas dos egressos que se mantêm vinculados ao campo, uma diz-se inquieta com o êxodo rural (EG C); uma afirma sua inquietação com a falta de escola de qualidade para os camponeses (EG L); Quatro dizem-se inquietos com a má utilização da terra e do meio ambiente (EG B, EG F, EG G e EG R). Chamou-nos a atenção a inquietação apresentada pela maioria absoluta dos egressos colaboradores-parceiros com a desvalorização do homem do campo e com seu trabalho. EG A, EG E, EG I, EG J, EG M, EG P, EG N, EG O e EG Q afirmaram seus incômodos com o desprezo das políticas públicas e da sociedade, de modo geral.

Incômodo que não é novo e já foi denunciado em inúmeras falas acadêmicas, políticas, religiosas, educacionais, culturais etc, à semelhança das vozes de Fernandes, Cerioli e Caldart:

Um dos problemas do campo no Brasil hoje é a ausência de políticas públicas que garantam seu desenvolvimento em formatos adequados à melhoria da qualidade de vida das pessoas que ali vivem e trabalham. No contexto atual do nosso país, defender políticas públicas específicas para o campo não significa discriminá-lo ou pretender insistir numa postura dicotômica entre rural e urbano. Ao contrário, no nosso caso, precisamos de políticas específicas para romper com

o processo de discriminação, para fortalecer a identidade cultural negada aos diversos grupos que vivem no campo, e para garantir atendimento diferenciado ao que é diferente, mas deve ser desigual (FERNANDES, CERIOLI; CALDART, 2005, p. 49).

Quanto às contribuições dadas ao campo pelos quinze egressos que a ele continuam vinculados após a saída da ERTE, em nossa análise, ainda são tímidas e bastante localizadas. Contudo, se associadas às suas inquietações e às suas reais vinculações ao campo, já se apresentam como um anúncio do que será possível mais adiante. Oxalá as vozes dos ex-educandos da ERTE juntem-se às vozes de Fernandes, Cerioli e Caldart (2005) tanto para as denúncias quanto para as novas e imprescindíveis ações.

Cabe-nos aqui, após a análise mais focada nas questões do questionário com respostas abertas, uma retomada às falas emergidas na entrevista semiestruturada com o grupo dos egressos. Concomitante às emoções do reencontro, às relevâncias da experiência em um internato, às declarações sobre as dimensões humanas, o aparecimento de enunciados tais como os apresentados abaixo, precisam ser posto, analisados e desencadeadores de novas pesquisas:

Tenho incômodos relacionados ao campo, mas infelizmente não é simples voltar pra lá. Para sobreviver, precisei ir para longe de onde me sinto impossibilitada de colaborar com o campo. Sou uma adulta e tenho responsabilidades, não conseguir ingressar em curso superior (EG D).

Atualmente não me sinto dando nenhuma contribuição ao campo. Acho que não há apoio dos governantes para os moradores do campo. Estou longe da zona rural para trabalhar. Fui muito elogiado na ERTE pelo meu potencial, mas ainda não entrei na faculdade (EG H).

Tive que sair de Jaguaquara, moro em outro estado. Precisava trabalhar. Ainda não entrei no curso superior, meu trabalho é com bebê, não é com agricultura. Desejo me ingressar na área do campo (EG I).

Minha maior inquietação sobre o campo é o estudo ruim que tem lá para as crianças. Estou longe do campo. Trabalho distante, mas gostaria de dar assistência e ajudar um pouco a zona rural (EG L).

Eu ainda tenho relação com o campo, mas pra falar a verdade, eu vou lá ver minha família, gosto de lá, mas não planto, nem tenho nenhum cultivo com a terra (EG Q).

Sou maior de idade. Faço o ensino médio à noite para tentar trabalho durante o dia. Não tenho opção de trabalho remunerado, por isso presto serviço voluntário, mas fica uma coisa ruim. É difícil entrar para um trabalho que pague. Muito difícil (EG R).

As falas citadas, ocorreram como falas sínteses das demais vozes. Enquanto os egressos EG D, EG H, EG I, EG L, EG Q e EG R teciam comentários sobre as impossibilidades de voltar para campo; precisar trabalhar longe, às vezes, em outro estado para manter-se; dificuldade em conseguir trabalho remunerado; descompromissos com o campo; sonho em trabalhar na área da agricultura; falta de oportunidade digna e obstáculos para entrar em um curso superior; os demais egressos confirmavam acenando com as mãos

e/ou com a cabeça. Questões que o Brasil rural conhece desde sempre e que ainda não foram, mais substancialmente, sanadas.

Enquanto continuamos a analisar as falas ocorridas durante a entrevista semiestruturada em grupo, notamos que o tema educação integral, bem como as dimensões da vida humana: cognitiva, psíquica, social e cultural só surgiam quando partia das entrevistadoras. Os egressos tiveram mais disposição, eloquência e conteúdo quando um do grupo colocava um tópico frasal em torno das dimensões: laboral, corporal, espiritual e afetividade. Esse fato nos faz depreender sobre: importância do trabalho remunerado para a sobrevivência; o corpo, a saúde e os ditames dos padrões de beleza são valorizados de forma exaustiva; o cultivo da espiritualidade, o temor ou tremor, o amor ou o medo à divindade são tônicas nas experiências e as relações afetivas acabam por ser determinantes nas vidas. Relações, *a priori*, com familiares, mas com maior força com os namorados (as), companheiros (os) etc.

Do material que temos a partir do encontro com os dezessete egressos, há muito o que se extrair, o que esclarecer, o que problematizar. Esperamos novos fôlegos, novos tempos, e outras oportunidades para aproveitá-lo amiúde. Assim, após a *Análise interpretativa e discursiva dos dados: a prova dos nove*, passamos para a última parte que colocará um ponto e vírgula em uma conversa que não termina por agora.

# 6 *Pra não encerrar:*

## ponto e vírgula na conversa



Foto 8 – Estudantes da ERTE pelas ruas de Jaguaquara anunciando a esperança na Educação do/no Campo, em 07.09.2018. / Fonte – Arquivo das pesquisadoras

*Há uma esperança, não importa que nem sempre audaz, nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um de nós (FREIRE, 2005, p. 10).*



Chegamos a esta altura de uma conversa que não pode dizer-se conclusiva sobre a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) e sua proposta de educação integral. Uma conversa que não teve medo de dialogar com incertezas, nem com o desconhecido; que teve como ponto de partida a pergunta: A ERTE, de fato, realizou a proposta de educação integral que afirmou em seus documentos oficiais, durante seus primeiros dezessete anos?

E, na tentativa de responder a pergunta, estabeleceu o objetivo geral: Investigar, a partir do estudo com uma amostra de egressos, como a educação integral, proposta e desenvolvida pela ERTE, em seus primeiros dezessete anos, foi apreendida pelos estudantes. Para alcançar este objetivo, a troca de palavras, de opiniões e de ideias, passou pela necessária evocação das memórias, com o intuito de preservar a história da ERTE enquanto lugar, campo e objeto do estudo em baila.

Desta forma, encontra-se na segunda parte uma síntese histórica iniciando no sonho utópico de criação de uma escola camponesa, com pedagogia de alternância, com perspectiva de trabalho educacional do ser inteiro, perpassando pelos marcos mais notórios dos anos de existência da ERTE. Também na segunda parte, a contextualização e a apresentação dos egressos que participaram, como uma amostra, do diálogo pelo caminho.

A entrevista semiestruturada com o grupo de egressos teve como elementos desencadeadores os objetivos específicos, desdobramentos do geral citado acima. Durante e depois das prosas e poesias construídas no meio dos egressos, podemos observar, registrar, analisar e correlacionar, a partir de uma matriz referencial bibliográfica e documental. Assim, seguimos o caminho conversando e ouvindo pessoas, textos e documentos. Este caminho está delineado na terceira parte o qual explicou o *pari passu* dos quatro momentos da nossa empreitada.

A matriz a que fizemos menção acima, encontra-se na quarta parte na qual acham-se os referenciais teóricos sobre educação integral, pedagogia de alternância e bases legais que amparam tanto a educação do campo, no sentido macro, quanto a ERTE enquanto instituição educacional camponesa. Nesta mesma parte, está um quadro que apresenta um paralelo entre os atos legais nacionais e/ou estaduais e os acontecimentos na/da ERTE em sua história de quase duas décadas.

Após a seleção dos referenciais teóricos e, de posse dos dados obtidos por meio da colaboração dos egressos, caminhantes que conosco conversaram, fizemos uma análise interpretativa e discursiva dos dados que tínhamos em mãos. Chamamos este momento de *prova dos nove* porque foi quando checamos o trabalho pedagógico que a ERTE desenvolveu nos seus dezessete primeiros anos. Para tanto, usamos a Análise de Conteúdo conforme descrita na quinta parte.

Não nos propomos a uma conclusão porque esta conversa continua e continuará por onde se encontrarem ex-educandos, ex-educadores, ex-funcionários, comunidade atuante, profissionais, pesquisadores, familiares e outros cujas vidas tenham sido tocadas pela ERTE. Contudo, por diversos motivos, precisávamos pausar a conversa e resolvemos fazê-la na pausa de um ponto e vírgula.

Nesta pausa que também intenciona buscar novo fôlego, deixamos como reflexão, incentivo, confiança, perspectiva e fé: a esperança. Sim! Freire está atual e, como na epígrafe acima, há esperança! Em toda nossa conversa, nas esquinas dos caminhos, nos corpos, nas vozes, nos silêncios, nas emoções, a esperança, como confiança em algo bom, como crença em uma realidade melhor, esteve presente.

A esperança continua presente. Nossa afirmação tem por base as respostas dos egressos da ERTE, em sua maioria absoluta, às oito perguntas distribuídas nos quatro eixos temáticos de análise, ressaltando as dimensões do ser integral que foram postuladas e trabalhadas enquanto lá estudavam. Da mesma forma, enumeraram as dimensões do ser humano integral, contempladas pelas práticas educacionais da ERTE.

A esperança continua uma vez que a maioria dos egressos, colaboradores-parceiros, afirmaram que a passagem pela ERTE contribuiu para a continuidade de suas carreiras acadêmicas; para suas participações sociais, como ocupações emanantes da realização pessoal e do autossustento; e, para o fortalecimento de suas responsabilidades junto ao campo de onde efluíram.

Há esperança para todos que estão, ou que desejam estar, engajados na educação do/no campo na perspectiva da integralidade do ser. A ERTE foi posta à *prova dos nove* e, diferentemente de Belsazar, descrito por Daniel, capítulo 5, (BÍBLIA ONLINE, 2018), foi aprovada. Os resultados das práticas conferiram com as propostas dos discursos escritos.

Assim, esta pesquisa tentou contribuir com todos quantos lutam pela educação formal de camponeses e desejam fazê-la a partir da visão de homem indivisível. Também está dando sua contribuição à própria ERTE, enquanto campo do estudo e instituição da resistência para a sobrevivência. Esperamos que os resultados, nas vozes dos ex-educandos, cheguem além da universidade, além da comunidade jaguaquarense, aos espaços públicos dos poderes constituídos e, para a ERTE voltem, em forma de sua continuidade menos demandante do sustento e da manutenção.

Um ponto. Uma vírgula. Depois da pausa, voltaremos à conversa.

# Referências

ANDRADE, Telma Cortes Quadros de. **Projeto de construção da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE)**. Jaguaquara – Bahia: CTE, 1999.

AQUINO, Maria Gerlandia De Oliveira. **Navigando Nella Storiadell'educazione In Brasil e Jaguaquara: Analisi Una Esperienza Educativa**. Tese de doutorado. Università Degli Studi di Sassari, Dipartimento di Storia, Scienze Dell'uomo e Della Formazione, 2014.

**A regra do nove fora (ou prova dos nove) em Só Matemática**. Virtuoso Tecnologia da Informação, 1998-2018. Consultado em 16/11/2018 às 11:08. Disponível na Internet em <https://www.somatematica.com.br/faq/nove.php>.

ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, n.º 2. – Brasília, MEC/CNE: 1999a.

\_\_\_\_\_. **Por uma Educação Básica do Campo**. Lançamento Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, n.º 2. – Brasília, MEC/CNE: 1999b.

BAHIA. **Ato de criação da ERTE**. Portaria nº 1327, Diário Oficial da Bahia, de 25 janeiro de 2001. 2001a.

\_\_\_\_\_. **Ato de nomeação da primeira diretora da ERTE**. Portaria nº 1446, Diário Oficial da Bahia, de 30 janeiro de 2001. 2001b.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.330 - institui o Plano Estadual de Educação – PEE**. Salvador: SEC: 2006.

\_\_\_\_\_. **Lei Estadual nº 11.352, de 23 de dezembro de 2008- Institui o Programa Estadual de Apoio Técnico-Financeiro às Escolas Família Agrícola – EFAs e Escolas Familiares Rurais – EFRs do Estado da Bahia**. Salvador: SEC, 2008.

\_\_\_\_\_. **Lei 1835/2010 - Institui o Plano Estadual de Juventude na Bahia -diretrizes a serem observadas pelas políticas públicas voltadas aos jovens com idade entre 15 e 29 anos**. Salvador: SEC, 2011.

\_\_\_\_\_. **DECRETO Nº 14.110, de 28 de agosto de 2012 - Dispõe sobre a regulamentação da Lei nº 11.352, de 23 de dezembro de 2008, que institui o Programa Estadual de Apoio Técnico-Financeiro às Escolas Família Agrícola - EFAs e Escolas Familiares Rurais - EFRs do Estado da Bahia, através de entidades sem fins lucrativos [...]**. Salvador, MEC, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 20, 2011.

BATISTA (org). **Movimentos Sociais, Estado e Políticas Públicas de Educação do Campo: pesquisas e práticas educativas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

BÍBLIA ONLINE. <https://www.biblionline.com.br/nvi/dn/5>. Acesso em 09.11.2018.

BRASIL. [Constituição de (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: senado, 1988.

\_\_\_\_\_. [LDB (1996)]. **Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. [I CNPEBC (1998)]. **I Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo de 1998**. Brasília: CNE/MEC, 1998.

\_\_\_\_\_. [DOEBEC (2002)]. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo**. Brasília: MEC/CNE, Resolução nº 01 de 3 de abril de 2002.

\_\_\_\_\_. **Portaria nº 1.374 de 03 de junho de 2003** que instituiu o Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo. Brasília: MEC/CNE: 2003.

\_\_\_\_\_. [RPNEC (2004)]. **Publicação das Referências Para Uma Política Nacional de Educação do Campo**. Brasília: MEC/CNE: 2004.

\_\_\_\_\_. **Parecer CNE/CEB Nº 1/2006 - Recomenda a adoção da Pedagogia da Alternância em escolas do campo**. Brasília: MEC/ CNE/CEB, 2006.

\_\_\_\_\_. **Paulo Freire contemporâneo – documentário**. Brasília: MEC/CNE, 2007.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008 - Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo**. Brasília: MEC/CNE, 2008.

\_\_\_\_\_. [PRONERA (2010)]. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010- Dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA**. Brasília: MEC/CNE, 2010.

\_\_\_\_\_. **Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012**. Brasília: Ministério da Saúde. Conselho Nacional da saúde, 2012.

\_\_\_\_\_. [FONEC (2012)]. **Manifesto do Fórum Nacional de Educação do Campo (FONEC)**, realizado em agosto de 2012, em Brasília, MEC, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.695, de 25 de julho de 2012** - Dispõe sobre o apoio técnico ou financeiro da União no âmbito do Plano de Ações Articuladas; altera a Lei no 11.947, de 16 de junho de 2009, para incluir os polos presenciais do sistema Universidade Aberta do Brasil, na assistência financeira do Programa Dinheiro Direto na Escola; altera a Lei no 11.494, de 20 de junho de 2007, para contemplar com recursos do FUNDEB as instituições comunitárias que atuam na educação do campo. Brasília, MEC, 2012b.

\_\_\_\_\_. [DCNEB (2013)]. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, MEC/CNE, 2013.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.960 de 27 de março de 2014** - altera a LDBEN para constar a exigência de manifestação de órgão normativo do sistema de ensino (conselho) para o fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas, considerando para tanto a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. Brasília: MEC, 2014.

\_\_\_\_\_. [ECA (1990)]. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Versão atualizada. Brasília, 2017.

\_\_\_\_\_. **Encontro Nacional 20 anos da Educação do Campo e do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), tornando pública a Carta Manifesto do evento que foi realizado entre os dias 12 e 15 de junho, 2018**, Brasília: UnB, 2018.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/CNE, 2018.

CALDART, Roseli Salete. **A Escola do campo em movimento**. In: ARROYO, CALDART, MOLINA. Por uma educação do campo. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

CAVALIERE, Ana Maria. **Anísio Teixeira e a educação integral**. Paidéia. maio-ago. 2010, Vol. 20, No. 46, 249-259. Disponível em [www.scielo.br/paideia](http://www.scielo.br/paideia). 2010.

- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- ERTE. **Projeto Político Pedagógico – PPP**. Jaguaquara – Bahia, 2001 – 2018a.
- \_\_\_\_\_. **Plano de Trabalho**. Jaguaquara – Bahia, 2001 – 2018b.
- \_\_\_\_\_. **Regimento Escolar**. Jaguaquara – Bahia, 2001 a 2018c.
- FERNANDES, CERIOLI, CALDART. **Primeira conferência nacional “Por uma educação básica do campo (texto preparatório)**. In: ARROYO, CALDART, MOLINA. **Por uma educação do campo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 22 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- \_\_\_\_\_. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Editora Olho d’Água, 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIMONET, Jean-Claude. **Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: As casas familiares rurais de educação e de alternância**. In: UNEFAB, **Pedagogia da Alternância – Alternância e Desenvolvimento**. Salvador, 1999.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. 31 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, s/d.
- JORDÃO, Regiane de Almeida. **A Escola Rural Taylor-Egídio (ERTE): Paradigma freiriano na alternância**. Dissertação de Mestrado orientada pelo Prof. Dr. Paulo Nozela. UNINOVE. São Paulo: 2011.
- MÂNPIO, Antônio João. **Conscientização e pedagogia da alternância**. In: UNEFAB, **Pedagogia da Alternância – Alternância e Desenvolvimento**. Salvador, 1999.
- MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde**. 7 ed. Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 2000.
- MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- NOVAIS, Fannie Sampaio Pereira. **O processo de aprendizagem da língua inglesa retratado em narrativas de crianças e adolescentes camponeses: o caso da Escola Estadual Rural Taylor Egídio**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2011.
- OLIVEIRA, Itamar Soares. **Ensinando e Aprendendo Zoologia: Análise de uma prática pedagógica baseada na solução de problemas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. 2014.

- PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. **Ensinar e aprender com Paulo Freire: 40 horas 40 anos depois**. 3 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.
- PEREIRA, Antonio Alberto. **Por uma escola camponesa**. In BATISTA, Maria do Socorro Xavier (org.). **Movimentos sociais, estado e políticas públicas de educação do campo: pesquisas e práticas educativas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.
- PEREIRA, Sonilda Sampaio Santos Pereira. **Relações Educacionais entre Famílias Rurais e Escola: Um estudo na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio em Jaguaquara – Bahia**. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Católica de Salvador. 2005.
- \_\_\_\_\_ (org). **ERTE: por um ser integral**. Jequié – Bahia: Ponto e vírgula, 2011.
- \_\_\_\_\_ (org). **Minidicionário Rural: Uma Pesquisa Sociolinguística**. Jequié – Bahia: Ponto e vírgula, 2013.
- \_\_\_\_\_ DIAS, Hildacy da Silva (org). **A escola com que sonhei e ajudei a construir**. Jequié – Bahia: Ponto e vírgula, 2017.
- PISTRAK, M.M. **Fundamentos da escola do trabalho**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- RIBEIRO, Darcy. **O livro dos Cieps**. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.
- SANTOS, Letícia Coelho dos. **Ensino de zoologia e a pedagogia da alternância: reflexões sobre a prática docente**. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. 2016.
- SOARES, Magda. In: PEREIRA, Sonilda Sampaio Santos; DIAS, Hildacy da Silva Mota (org). **A Escola com que sonhei e ajudei a construir**. Jequié – Bahia: Ponto e Vírgula, 2017.
- SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: LED/UFSC, 2001.
- SITE DA ERTE: <http://erte.com.br/site/> visitado em 08.11.2018.
- SITE DO CBTE: <https://www.tayloregidio.org.br/> visitado em 08.11.2018.
- TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. Original publicado em 1957. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Educação para a democracia**. Original publicado em 1936. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 1997.

# Apêndice 1



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
Credenciada pelo Decreto Estadual nº 7.344, de 27.05.1998  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO/DO CAMPO



## ESCOLA ESTADUAL RURAL TAYLOR-EGÍDIO - ERTE

AV. ALOÍSIO DE CASTRO, S/N - MURITIBA - JAGUAQUARA - BAHIA

FONE: (73) 3534-2430 - [www.erte.com.br](http://www.erte.com.br)

### TERMO DE CONSENTIMENTO DA ESCOLA

Nós, Vilmaci dos Santos Dias e Sonilda Sampaio Santos Pereira, pesquisadoras do Curso de Pós-Graduação em Educação do/no Campo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/Jequié - BA, solicitamos consentimento da direção da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), para a realização da pesquisa subordinada ao tema: **“A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio e a proposta de educação integral: a prova dos nove”** a ser desenvolvida no espaço da escola e com os alunos egressos da ERTE do período de 2013 a 2017.

O objetivo da pesquisa é Investigar que sinais há nos alunos egressos da ERTE que provam a educação integral proposta nos documentos oficiais da escola como: no Projeto Político Pedagógico, Regimento Escola, Matriz Curricular e Plano de Ação. A pesquisa será realizada a partir do dia 01/08/2017.

Os participantes da pesquisa participarão de entrevista semiestruturada em grupo, preencherão um questionário com repostas abertas e serão filmados e fotografados. Todas as informações obtidas se manterão em sigilo pelas pesquisadoras. As repostas e imagens serão utilizadas em publicações, relatórios e eventos científicos da área, sendo assegurado o sigilo sobre a identidade dos participantes.

Os resultados da pesquisa serão divulgados no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da pós-graduanda Vilmaci dos Santos Dias, sob a orientação da docente Sonilda Sampaio Santos Pereira e estarão à disposição da escola para consulta.

Jaguaquara–Bahia, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Diretor – Carimbo e Assinatura

# Apêndice 2



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
Credenciada pelo Decreto Estadual nº 7.344, de 27.05.1998  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO/DO CAMPO



## ESCOLA ESTADUAL RURAL TAYLOR-EGÍDIO - ERTE

AV. ALOÍSIO DE CASTRO, S/N - MURITIBA - JAGUAQUARA - BAHIA

FONE: (73) 3534-2430 - [www.erte.com.br](http://www.erte.com.br)

### TERMO DE CONSENTIMENTO DO COLABORADOR(A)-PARCEIRO(A)

Nós, Vilmaci dos Santos Dias e Sonilda Sampaio Santos Pereira, pesquisadoras do Curso de Pós-Graduação em Educação do/no Campo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/Jequié - BA, solicitamos seu consentimento para a realização da pesquisa subordinada ao tema: **“A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio e a proposta de educação integral: a prova dos nove”** a ser desenvolvida com os alunos egressos da ERTE, dos quais você é parte.

O objetivo da pesquisa é Investigar que sinais há nos alunos egressos da ERTE que provam a educação integral proposta nos documentos oficiais da escola como: no Projeto Político Pedagógico, Regimento Escola, Matriz Curricular e Plano de Ação. A pesquisa será realizada a partir do dia 01/08/2017.

Você participará de uma entrevista semiestruturada gravada, preencherá um questionário com repostas abertas e será fotografado (a). Todas as informações obtidas se manterão em sigilo pelas pesquisadoras. As repostas e imagens serão utilizadas em publicações, relatórios e eventos científicos da área, sendo assegurado o sigilo sobre sua identidade.

Os resultados da pesquisa serão divulgados no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da pós-graduanda Vilmaci dos Santos Dias, sob a orientação da docente Sonilda Sampaio Santos Pereira e estarão à sua disposição para consulta.

Jaguaquara–Bahia, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

COLABORADOR(A)-PARCEIRO(A)











# As Autoras



## **Sonilda Sampaio Santos Pereira**

Primeira diretora da ERTE no período de janeiro de 2001 a setembro de 2016. Estava presente, em 1998, durante a escrita do projeto e pisou o chão antes da escola ser construída, atualmente é aposentada voluntária.

Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Jequié – Bahia. Vice coordenadora do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação do/no Campo, na UESB. Atual diretora do Colégio Batista Taylor-Egídio. Membro da Academia de Letras de Jequié



## **Vilmaci dos Santos Dias**

Foi admitida como professora auxiliar na inauguração da ERTE, em janeiro de 2001, de auxiliar passou a docente titular, assumiu colaborativamente, funções administrativas, ao lado da diretora, no período de outubro de 2013 a setembro de 2016. Atualmente é coordenadora pedagógica da ERTE e assistente da atual direção. Integra o quadro de servidores efetivos da Secretaria Municipal de Educação – Jaguaquara – Bahia.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



O SENHOR TE GUIARÁ PARA SEMPRE,  
TU SERÁS COMO JARDIM REGADO.  
Isaias 58:11



Capa e diagramação - Magno Job  
Edição preparada para leitura digital em formato PDF  
Disponível em: [www.erte.com.br](http://www.erte.com.br)

Todos os direitos reservados.

